BOSQUEJO METRICO

BOSQUEJO
METRICO

DOS

ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

ATÉ Á MORTE

DO

SENHOR REI D. JOÃO VI

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

When truth is sufficient to fill the mind, fiction is worse than useless.

JOHNSON.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1858

A teneris discat patrios cognoscere fastos
Ingenuas artes quisque docendus erit.
Parvos parva decent: juvenes majora requirent
Hoc mea nunc pueris Musa dicavit opus.

A. J. V.

AO PRINCIPE

DOS

POETAS PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS

O

Dr. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Si placeo, tuum est.
HORAT.

ADVERTENCIA

Com titulo algum tanto differente, sahe novamente á luz, corrigido em muitos lugares, e consideravelmente augmentado, o *Bosquejo Historico-Poetico,* impresso nos fins de 1856, e approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, em sessão de 20 de Fevereiro do anno proximo preterito.

O auctor não entende que este opusculo possa servir para o ensino da Historia de Portugal nas Escholas Primarias. Fôra hum desacordo pertende-lo, attento o estilo em que he escripto, e a rapidez com que os factos são n'elle apontados. Outro foi o seu fito. Teve em mira auxiliar os estudantes de Humanidades, para mais facilmente gravarem na memoria os principaes acontecimentos da historia nacional, cujo conhecimento já se suppõe adquirido: propoz-se tambem avivar em seus animos juvenis hum brioso sentimento de

orgulho, incentivo a nobres emprezas; convidando-os a repetirem de cór hum como epilogo de todas as glorias patrias.

Como o *Bosquejo,* álem de conter a serie dos nossos Reis e Rainhas, faz menção dos mais illustres heroes Portuguezes, e de muitos distinctos sabios e escriptores que floreceram neste reino, poderá talvez algum Professor adoptá-lo como texto, para por elle se examinarem os estudantes neste ramo de erudição.

Com effeito, poucos serão os successos de alguma importancia occorridos na nossa patria, ou concernentes a ella, que não se memorem, nas duzentas setenta e tantas oitavas de que se compõe esta obra metrica, consagrada á estudiosa mocidade Portugueza.

Assim a recitação, ou ainda a simples leitura de qualquer oitava, escolhida pelo Professor, ou tirada á sorte, pode dar assumpto a mais de huma pergunta por parte do examinador, e pela do examinado, a hum maior ou menor desenvolvimento ácerca do facto ou factos na mesma estancia indicados, ou a respeito do heroe ou do escriptor de que nella se faça menção.

AOS ESTUDANTES DE HUMANIDADES

Escol dos filhos desta Lusa terra,
Que ao estudo vos dais em tenra idade,
Uteis lições este livrinho encerra
De alto valor, e de Christã piedade.
Lendo de nossos Reis, na paz, na guerra,
Tantas acções de esforço e heroicidade,
Vereis que houve tambem, para ajuda-los,
Dignos de Reis heroes, heroes vassallos.

De hum povo lido haveis, que subjugara
O quasi inteiro conhecido mundo:
Outro vedes, que ovante os plainos ara
(Dominador feliz) do mar profundo:
Vedes outra nação, não menos clara,
Do bom gosto empunhar sceptro jocundo;
Nas armas sendo, a hum tempo, insigne e destra,
E nas artes da paz modelo e mestra.

De antiga ou de moderna estranha gloria
Não vos offusque o brilho: a patria vossa
Lugar excelso conquistou na historia,
De que nação nenhuma a desapossa:
De acções mais dignas de immortal memoria
Que feitos mil e mil da gente nossa,
Povo algum não blazona: he nescio, ou louco,
Quem ter tão nobre patria estima em pouco.

Com magoa a vemos decadente agora...
Encontre cedo em vós seguro esteio!
Da discordia, e cobiça, os damnos chora;
Á cobiça, á discordia, ah! ponde hum freio.
Mãi de Christãos heroes, foi grande outrora;
Venha a se-lo outra vez por vosso meio:
Á fé que os animou deveu tal brilho;
Esforce-vos a fé: segui seu trilho.

BOSQUEJO

METRICO

CANTO I

I

Novo cantor da patria ascenda ao Pindo:
A celebrar seus fastos se abalance;
E de ficções a historia revestindo,
De segundo Camões renome alcance:
Eu, tão só da verdade a luz seguindo,
Folgo indicar n'hum rapido relance,
Sem que chame em auxilio Apollo, as Musas,
Luso, aos filhos de Lysia, as glorias Lusas.

II

Da derradeira Hesperia o solo ameno,
No extremo occaso (Portugal agora)
Onde ar puro se logra, hum céo sereno,
E os dons mais bellos de Pomona e Flora,
Lusitania chamou-se. O povo Peno,
Que sulca, afouto, o mar, terras explora,
Em região tão rica, e tão fecunda,
Dilata o seu poder, colonias funda.

III

Eis que as aguias de Roma, ao Peno infestas,
Vem, sedentas de sangue, ao clima Hispano...
Auxilios a Carthago, ó Lysia, prestas,
Causa à Lacia nação de immenso damno.
Após tres luctas horridas, funestas,
Succumbe emfim o barbaro Africano:
Roma, qual soberana, em alto solio,
Ao mundo dicta leis no Capitolio.

IV

A Lysia as dicta em vão. Do monte Herminio
O pastor Viriato, escuro e pobre,
Por tres lustros resiste ao seu dominio,
Sem que jámais seu animo soçobre.
Assim, ó Roma, o barbaro assassinio,
Obra de teu pretor cobarde e dobre,
Na longa lide em que o vigor esgotas,
Pagas, com justa pena, em cem derrotas.

V

Sempre afeito a vencer, morde-se e brame,
De raiva insano, o tumido Latino,
Pelos Lusos vencido; embora clame,
Que he prole illustre do immortal Quirino.
Esquece o brio antigo em tal certame;
Teme arrostar as furias do destino.
Quem julgar-se ousará mais forte e sabio
Que Unimano e Pompeu, que Plaucio e Fabio?

VI

«Viriato se immole.» Infames braços
Cravam trédos punhaes no inerme peito,
Quando o heroe, dando folga aos membros lassos,
Jaz, immerso no somno, em duro leito.
Mas embora os mais graves embaraços
Suscite á nobre causa o torpe feito;
Da Italia, em breve, singular reforço
Chega, opportuno, ao Lusitano esforço.

VII

Entre os Lusos Sertorio, em raiva acceso,
Latino, contra o Lacio as armas vibra:
Sustenta do commando o grave peso,
E as mais dispares forças equilibra.
Contra a Lusa nação, quasi indefeso,
Na traição o Romano emfim se libra:
Ás mãos de hum vil sicario, em nobre sala,
O proscripto guerreiro o alento exhala.

VIII

Morto o bravo caudilho, em pranto, em lucto,
Fica Lysia infeliz, e a Hespanha inteira;
Que vê d'esforços mil perder-se o fructo,
Bem que inda lucte, intrepida, guerreira.
Até que Octaviano, audaz e astuto,
Póde ganhar victoria derradeira,
Dos povos, que pungíra a prisca injuria,
Com brandos modos desarmando a furia.

IX

Então por cinco seculos, submissa,
Paga tributo a Roma a Lusa gente:
A Roma, que com barbara injustiça
O mundo opprime, altiva e prepotente:
Mas ao seu fasto, e sordida cubiça,
Chega o termo fadado. O Omnipotente,
Tanto orgulho e furor mais não soffrendo,
Manda ao povo oppressor castigo horrendo.

X

Varios em lingua e leis, em crenças varios,
Boreaes povos, de indole ferina,
Excita á lucta (asperrimos contrarios)
De Roma em damno, a colera divina.
Eis ameaçam, brutos, sanguinarios,
Aos Lacios muros ultima ruina,
Vingar fazendo assim vetustos planos,
Godos, Suevos, Vandalos, Alanos.

XI

Da Germania, e da terra Escandinava,
Vem o imperio assaltar com furia infrene:
Ei-los na Hespanha já, qual ignea lava,
Descendo os altos montes de Pyrene!
Roma despota fôra; agora escrava
Quer o céo vingador que gema e pene,
Vendo do seu poder o grão colosso
Desfeito em pó, com misero destroço.

XII

Mas se o prisco poder, fulgor profano,
Perdeste, ó Roma de Quirino, e Numa,
Exerces hum poder mais do que humano
Hoje, ó Roma Christã, com gloria summa.
Em ti tem séde fixa o soberano
Pastor da grande grei, que é santa e huma;
E assim te posso, afouto e verdadeiro,
Metropole chamar do mundo inteiro.

XIII

O pugnaz invasor na Hesperia abranda,
A pouco e pouco, os barbaros costumes,
E deixada de Ario a seita infanda,
Da pura fé recebe os claros lumes.
Quasi esquecidos de uma e de outra banda
Figadaes odios, pristinos ciumes,
De paz e affecto vinculo sincero
Une o Godo feroz, e o bravo Ibero.

XIV

De discordias civis fatal resulta!
Nova cruenta guerra Hespanha assola:
De Rodrigo a ambição não fica inulta;
Julião ao seu odio à patria immola.
Co'a nefanda traição a Libya exulta;
A bandeira do Arabio já tremola
(Que horror!) após terrificas batalhas,
Derribada a da Cruz, em cem muralhas.

XV

Os proceres opprime, e o clero e a plebe,
O sectario do falso, impio, propheta:
Só para resistir-lhe eis se apercebe
Pelaio, da fé sancta insigne athleta.
Na mente a heroica empreza, audaz, concebe;
Infatigavel tende á nobre méta;
Arma-se, «ás armas» brada, e nas Asturias,
Rebate, Rei Christão, as Mauras furias.

XVI

Ao som da rouca tuba, em toda a parte
Arma-se a grei Christã, prodigios obra:
Da Cruz ovante ao inclyto estandarte
A cerviz, vezes mil, o Mouro dobra:
Outras, resiste impavido, e d'est'arte
Não larga a preza opima, alentos cobra:
Seculos dura a lide, e se propaga
Mais e mais, e de sangue a Hesperia alaga.

XVII

Mas protege os Christãos favor celeste!
Surge na terra Hispana Estado novo,
Que a prol da fé, Senhor, crescer fizeste,
Qual d'arvore vivaz feliz renovo.
Embora Africa toda auxilio preste
Ao Sarraceno Hispano; o Luso povo
Vai vence-lo, e plantar, de Deos bemquisto,
Té nos confins do mundo a Cruz de Christo!

XVIII

O Borgonhez HENRIQUE ao solo Hesperio
A lança vem brandir. Guerreiro invicto,
Da Maura gente em damno, em vituperio,
Longo sustenta, asperrimo, conflicto.
Governa o Sexto Affonso o Hispano imperio
E em premio a tal valor, com santo rito
Quer que o famoso heroe se una a Tareja,
E, Conde, Portugal conquiste e reja.

XIX

Do que assim houve illustre senhorio
Em breve HENRIQUE os terminos dilata:
Continuo afronta o Mauro poderio;
Castellos, hostes, rende, e desbarata.
Nem menos que bellaz, devoto e pio
De Christo o grão sepulcro, humilde, acata,
E ao Redemptor que alli jazera outr'ora,
Entre a turba fiel, prostrado adora.

XX

Affonso Henriques, ja na inteira idade,
Maugrado á Mãi, assume a governança:
Firma da patria a plena liberdade,
E contra o fero Mouro empunha a lança.
Heroico campeão da Christandade,
Em mystica visão, ditoso, alcança
Do divinal favor certeza expressa,
E em prol do novo reino alta promessa.

XXI

Posto o Mouro em Ourique em plena rota,
He proclamado rei com lédo auspicio:
Das Quinas o brazão no campo adopta;
Da visão, da victoria, ao mundo indicio.
Assoma á foz do Tejo amiga frota:
Não perde Affonso ensejo tão propicio;
Aos muros de Lisboa o cerco aperta,
E, após renhidas luctas, os liberta.

XXII

Na Estremadura, então, succumbe e cede
Em toda a parte o barbaro Agareno:
Pouco resta ao sequaz de Mafamede
Na região álem do Tejo ameno.
Na guerra, sem descanço, o Rei procede:
Resgata o Transtagano almo terreno,
E faz alli nos muros, e campinas,
A bandeira ondear das santas Quinas.

XXIII

A prol do novo Lusitano estado
Vivas preces ao céo Bernardo envia;
E desde Claraval ao Rei soldado
Na nobre e santa empreza esforça e guia.
Rege entretanto hum inclyto Prelado
A Braccharense grei zelosa e pia—
Godinho—e faz que em nada então desdiga
Do seu fulgor primevo a Séde antiga.

XXIV

Benigno, sobre Affonso o Ceo derrama
De sua graça influxos salutares:
Em santo zelo, grato, o Rei se inflamma,
Sacros cenobios funda, erige altares.
Exalta em toda a parte a voz da fama
Do grão Monarca os feitos singulares;
Porem firmeza na ventura humana
Quem se atreve a esperar, quanto se engana!

XXV

Seus erros juvenis Affonso expia,
Com viva dor, nos annos já maduros:
Vencido e preso, em aspera porfia,
De Badajoz o vêem os altos muros.
Mas quando o filho, intrepido, auxilia,
Prestes novos tropheos eis tem seguros:
Descerca Santarem, e em breve espaço,
Colhe virente palma o velho braço.

XXVI

Então o resto de teus cheios dias
Passas, Affonso, em paz e no retiro,
Todo em santas acções, em preces pias,
Em quanto o sol perfaz hum annuo gyro.
Com dor geral do povo que regias,
Emfim exhalas o ultimo suspiro,
Lá donde se ouve, em placido socego,
O brando som das agoas do Mondego.

XXVII

Justo não he, que por ingrato olvido
Aqui de alguns heroes os nomes cale,
Cujo valor concorre, em gráo subido,
Para que Affonso tanto se assignale.
Em lealdade, e esforço esclarecido,
Egas Moniz, quem ha que a ti se iguale?
Livrado o teu Senhor, comtigo á morte
Offertas, prompto, os filhos, e a consorte!

XXVIII

Quem nas ondas, pugnando em santa lide,
Dá do Luso valor primeiro exemplo?
He Roupinho, que igual ao grão Pelide
No mar, na terra, attonito contemplo.
Queimara a Maura frota; o Ceo decide
Dar-lhe paz perennal no eterno templo:
Por seu Deus, por seu Rei, vertendo o sangue,
Na destroçada náo succumbe exangue.

XXIX

Pois de ti que direi, que a fama antiga
De Codro, Decio, e Cocles, escureces,
Martim Moniz, que na tremenda briga,
Em sacrificio á patria te offereces?
Já no Castello o Mouro não se abriga;
Surdo foi Mafamede, ao voto, ás preces...
Se o guerreiro tropel teu corpo esmaga,
Tens do feito sem par no Empyreo a paga!

XXX

Nem he menos razão, que ufano aponte,
Entre os brazões de Lysia, o Luso vate
Hum varão (qual Moisés no excelso monte)
Que orando os seus esforça, o imigo abate:
Em Leiria os Christãos embora afronte
O Mouro—eis vem Theotonio—em cru combate
O vence—Arronches toma, e ao mundo espanto
Causa, guerreiro, o Sacerdote santo.

XXXI

Cognome honroso, que durou na historia,
Deu-te, bravo Gonçalo, a marcia lida;
Que em buscar nobre preza, alta victoria,
Toda gastaste a trabalhosa vida.
Em Evora por ti não menos gloria,
Giraldo Sem pavor, he merecida:
Por destemor igual, feitos diversos,
Pobre feudo aceitai de toscos versos!

XXXII

Cingida a fronte de virente louro,
Que nas campinas Beticas ceifara,
Ascende Sancho ao solio, e o fausto agouro
Confirma, heroe, qual antes se mostrara.
Com Germanico auxilio arranca ao Mouro
Silves, forte cidade, antiga, e clara:
A fama que seu nome eleva ao polo,
Povoador o diz do patrio solo.

XXXIII

Mais do que este brazão, ditoso torna
Sancho Primeiro a prole feminina,
Sobre a qual os seus dons profusa entorna
A Suprema Adoranda Essencia Trina.
A Mafalda, e a Thereza a fronte adorna
Regia corôa—a Sancha outra mais dina—
A de esposa de Christo—e as tres festeja
Nos altares, devota, a Lusa Igreja.

XXXIV

Eis, triplice flagello a Lusa terra,
Mudada a sorte, subito devasta:
Em damno seu, a peste, a fome, e a guerra,
Fazem contra os fieis liga nefasta:
Do Algarve occupa o Mouro o prado, e a serra;
Emvão o Luso o passo lhe contrasta;
Mas prestes em Thomar, em Torres Novas,
Dão de esforço os Christãos brilhantes provas.

XXXV

Vem d'Africa Jucub mais reforçado:
Toma Alcacer, Palmella, e fero avança;
Mas ache embora, então, propicio o fado,
Só victorias ephemeras alcança.
O Christão Leonez vê castigado
O crime seu da monstruosa alliança;
Que a expensas delle o Lusitano medra,
Rendidas Tuy, Sampaio, e Pontevedra.

XXXVI

Eis o Segundo Affonso o sceptro toma,
E á gente Hispana, em horrido perigo,
Prompto soccorro manda, e a furia doma
Na propria terra ao barbaro inimigo.
Alcacere do Sal, que de Mafoma
Prestar soe ao sequaz seguro abrigo,
E donde elle os Christãos assalta e offende,
Com Batavo reforço oppugna e rende.

XXXVII

Nesta illustre facção palmas ceifaste
Em defensão da fé, nobre Soeiro:
Para louvar-te não ha voz que baste,
Christão pastor, pontifice guerreiro.
Mais de hum rei mouro embora te contraste,
E em soccorro dos seus corra ligeiro;
Alcacer cahe, e em turbida desordem,
O solo os infieis aos centos mordem.

XXXVIII

De leso amor fraterno a fama argue
Affonso, que não pouco assim deslustra
Os generosos dotes que possue,
Com que no marcio ardor seu nome illustra.
As inclytas irmans da herança exclue,
E só temor em parte o intento frustra;
Que o Leonez se oppõe altivo e bravo,
E Roma o força ao justo desaggravo.

XXXIX

Assim de Affonso os dotes soberanos
Deslustra da cubiça o torpe effeito;
Do escandalo porem compensa os damnos,
Defensor da virtude e são direito.
Numerosas promulga, em poucos annos,
Próvidas leis em publico proveito;
Fructo do acordo unanime, e sincero,
Entre o monarca, os proceres, e o clero.

XL

Acordo que depois, por desventura,
Entre o clero zeloso, e o Rei altivo,
Inviolado, pouco tempo dura,
Que cedo entre elles ferve odio mais vivo.
Do Braccharense a rigida censura
Dá de Affonso ao furor novo incentivo:
Honorio, de mór damno emfim presago,
Congraça, a custo, em Lysia o sceptro, e o bago.

XLI

Da metropole Lusa amparo, e gloria,
Antonio, a quem devoto o mundo admira,
Que prisco ou novo heroe na nossa historia,
Mais pasmo excita, mais respeito inspira?
Permitte, que ao fazer de ti memoria,
Humilde aqui te invoque a minha lyra,
E do segundo Affonso a dita exalte,
Sob o qual deste á patria o mór esmalte.

XLII

Padua que seu (sem jus) folga chamar-te,
De possuir teus ossos se gloria:
Em ti (que és filho seu) tem baluarte
Firme, seguro, a Lusa monarquia:
Mas não só nella e em Padua—em toda a parte,
Por tuas santas preces e valia
(De sanha vos mordei monstros Estygios)
Obra o Senhor innumeros prodigios.

XLIII

Sancho Segundo occupa o Luso throno;
Perde-o porem depois, julgado indino:
Não se entrega da inercia ao molle somno,
Como affirma, fallaz, rumor malino.
A terra Transtagana em seu abono
Recorda acções de esforço peregrino;
Mas corruptos privados não sopêa,
E, expulso, busca asylo em terra alhêa.

XLIV

Nella, a principio, com as furias arca,
Intrepido varão, do fado adverso;
Vida vive depois austera e parca,
Á celeste mansão todo converso.
De lealdade ao misero monarca,
Dignos de alto louvor em prosa e em verso,
Vencendo riscos mil, fadigas, peitas,
Dais nobre exemplo então, Pacheco, e Freitas.

XLV

E não menos de esforço illustres provas
Dás, Corrêa immortal, no Algarve oppresso,
Quando lucta sanguina alli renovas,
Contra o Mouro, a quem damna o teu regresso.
Fôra arrojo cantar nas minhas trovas
Tanta peleja, e prospero successo,
Ó Luso Josué, que assim te acclama,
Teus portentos narrando, a voz da fama!

XLVI

Do estado, apos a turbida procella,
Affonso o Bolonhez dirige o leme:
Vendo quanto a justiça acata e zela,
O bom vassallo folga, o impio treme.
O Mouro, a quem no Algarve o rei debella,
Ou foge, ou curva o collo, e escravo geme:
Lysia então não vê mais nas torres suas
O profano pendão das meias luas.

XLVII

Nem só no reino avito as hostes Mauras
Faz curvar a cerviz, raio de guerra:
Por seu auxilio a capital restauras,
Bravo Fernando, da Vandalia terra.
Da fortuna aproveita as brandas auras
Affonso, e em solo alheio encalça, aterra,
De Agar os netos, tremulos, confusos,
E volve, ufano e ovante, aos lares Lusos.

XLVIII

Grave stigma (inda mal!) severa e justa
No nome deste rei a fama imprime,
Que entre os grandes heroes da estirpe augusta
Lugar lhe faz haver menos sublime:
Mathilde quantas lagrymas te custa
Da ingratidão do esposo o torpe crime!
Por Brites, cujo pai convem-lhe amigo,
Esquece o nó sagrado, o affecto antigo!

XLIX

Debalde o grão Pastor, a voz alçando,
O novo enlace adultero condemna:
Depois, morta Mathilde, aos rogos brando,
O valida e remitte a justa pena.
Ditoso exerce Affonso o regio mando;
Mas eis que após a dita e a paz serena,
Vê no solo feliz da Lusitania
Brotar, crescer, pestifera zizania.

L

Queixa-se o Clero, e clama em altos brados,
Que o monarca he tyranno, e opprime a Igreja:
Auzentes chora Lysia os seus Prelados;
Roma exhorta, ameaça, e em fim troveja:
Conselhos vãos! Anathemas baldados!
Resiste o Rei, que de ceder se peja:
Só no leito da morte as iras doma,
E curva o collo altivo ás leis de Roma!

LI

No reinado de Affonso, eximio troço
De bravos e de heroes brilha, e campêa:
Qual entre estatuas cem éneo colosso,
Avulta entre elles immortal Corrêa.
Presago o Mouro de fatal destroço,
Após tanta derrota, ao ve-lo, arêa:
Na Hispalica facção, com feitos grandes,
Incute igual terror Martim Fernandes.

LII

Estes varões ao nome Lusitano
Dão vivo lustre então; gloria mais clara
Pedro, que a Europa denomina Hispano,
E que, João após, cinge a tiara.
Nas sacras lettras, no saber humano,
Prodigio do seu seculo, brilhara;
Propicio o Ceo dispõe que ufana veja
Lisboa hum filho seu reger a Igreja.

LIII

DINIZ, filho de AFFONSO, hymnos merece
Que em Lysia a hum novo Alceu inspire a Musa:
Entre os Hispanos principes fenece,
Por sabio arbitrio seu, lide confusa.
Por fundador, ufana, o reconhece
Do Alcaçar de Minerva a Athenas Lusa;
E a par deste brazão que tanto o exalta,
O de *Rei Lavrador* seu nome esmalta.

LIV

De outro laurel DINIZ a fronte cinge:
Funda e sagra a Jesus milicia nova,
Que á do Templo succede, e as armas tinge
De sangue, e dá de si fulgente prova:
Que na paz, d'outra gloria ao cimo attinge,
Com que o prisco fulgor em si renova;
Pois se cumprem por ella altos desenhos,
Sulcado o pégo immenso em frageis lenhos.

LV

Por longos annos a DINIZ, fagueira,
De seus dons liberal, sorriu ventura;
Mas (instavel por genio e traiçoeira)
Depois lhe mostra torva catadura.
Perto do termo da mortal carreira,
Prova o longevo Rei viva amargura,
Ao ver que negra inveja os braços arma
Do filho, a quem a custo emfim desarma.

LVI

Do Quarto Affonso as inclytas proezas
Agradecida exalta a Hispana gente,
Que deve, em parte, ás forças Portuguezas
Do Salado a victoria refulgente.
Desluz o Rei tão nobres gentilezas,
De barbaro rigor vencida a mente,
Quando deixa cravar da linda Castro
Féros punhaes no seio de alabastro.

LVII

Do Principe lograva ardente affecto
(Já no sepulcro a misera Constança)
A semventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e jura atroz vingança...
Castro, ouvindo o lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula, se lança:
Co'os filhinhos gentis piedade implora;
Mulher, esposa, e mãi, supplica, e chora.

LVIII

Abalado, movido, Affonso escuta
Da afflicta dama os rogos derradeiros:
A compaixão sopeia, em grave lucta,
Da ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com sanha bruta
Vem saltea-la monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue expira.

LIX

Logo (pena talvez d'erros antigos)
Affonso vê romper guerra intestina:
Vingar-se Pedro quer; não vê perigos;
Leis não acata; freme e desatina.
No meio em fim dos campos inimigos
Brites á paz os animos inclina:
Interpõe preces, pranto, e não socega
Tè que amansa do filho a furia cega.

LX

Pedro, esposo infeliz, de Affonso herdeiro,
Vinga, logo que empunha o regio sceptro,
Da cara Ignez a morte, que primeiro
Deplorou, saüdoso, em flebil metro.
Affavel, generoso, e justiceiro,
Se dos sons d'aurea lyra, eburneo plectro,
Acções dignas não faz nas marcias lides,
De monstros livra a terra, he Luso Alcides.

LXI

Com atroce rigor os rèos castiga;
Mas da justiça he defensor e esteio;
E assim apaga, em parte, a nodoa antiga
De não ter posto á ira hum justo freio,
Quando á viva paixão que o move e instiga,
Dando soltas, punira o crime alheio,
Pondo por cego, insano, desafogo,
O não culpado reino a ferro e a fogo.

LXII

Mais formoso, que bravo, e que discreto,
Reina após Pedro o pródigo Fernando,
Cuja ambição fatal, e vão projecto,
Ao povo causa estrago miserando.
De Castella rival sempre inquieto,
No governo dos seus remisso e brando,
Com as mais sanctas leis não tendo conta,
Faz a nobre vassallo atroz afronta.

LXIII

Mas não he seu reinado em tudo infesto
Á sã moral, á publica ventura:
Para freio do máo, louvor do honesto,
Instaura, justo, salutar censura.
Aos proceres denega um jus funesto,
Que impunidade aos dyscolos segura:
O vil ocio, que o povo e os reis desdoura,
Punindo, anima a próvida lavoura.

LXIV

Nem fallecem a Lysia, exhausta, afflicta,
Quando mais arde a guerra, e os seus flagellos,
Filhos heroes, que na geral desdita
De brio e de valor sejam modelos.
Debalde um terno affecto o peito agita
De Faria, e de Paes. Lusos castellos
Resistem; e ao da pátria amor superno
Cede, e á fé dada ao Rei, o amor paterno.

LXV

Deu nove Reis ao throno Lusitano
Do excelso Conde Henrique a prole augusta;
Nascidos de consorcio soberano,
Qual a supremos Principes se ajusta.
Padece quebra após, e grave damno,
Arvore tão fructifera e robusta;
Mas por hum ramo seu esclarecido
Vamos ver todo o damno resarcido.

CANTO II

I

Antes que longa idade o quebrantasse,
Perde o molle Fernando a doce vida:
Varão não deixa ao qual, sem lide, passe
A c'rôa pelo Ibero appetecida.
Unico fructo de ominoso enlace,
Beatriz a cingi-la se convida:
O povo, que do Hispano o jugo execra,
De Aviz ao Mestre que o defenda obsecra.

II

De Pedro o filho, ufano, o encargo aceita
Sabio caudilho, bravo cavalleiro:
Quando a Rainha menos o suspeita,
Dá crua morte ao detestado Andeiro;
Chama ás armas a gente ás armas feita;
Repulsa e vence o cúpido estrangeiro:
Taes dotes, obras taes, as Cortes movem
A pôr no throno o idolatrado Jovem.

III

O Primeiro João na Lusa terra
Impera assim por triplice direito:
O sceptro dão-lhe, o sangue, o jus da guerra,
E o povo, que decide o grande pleito:
Toda a força de Hespanha o não aterra
(De Aljubarrota o diga o nobre feito)
Ganha e firma, heroe claro em toda a idade,
O solio, a paz, e a patria liberdade.

IV

Quem, sem labeo d'ingrato, esquecer pode,
Tal lucta recordando, o grão Pereira,
Que então (e sempre) invicto, á patria acode,
Bravo dos bravos na sazão guerreira?
(Que por fim, como quem de si sacode
O pó de longa, turbida, carreira,
Despe a loriga, e envolto em pobre manto,
A Deos só quer servir asceta e sancto.)

V

A par ou quasi a par do grande Nuno,
Seu valor Mem Rodrigues assignala:
A patria se honra de tão nobre alumno,
Que assim concorre, intrepido, a salva-la:
Nem no devido encomio aqui desuno
Destes varões varão que ambos iguala
Na que a liberta, asperrima jornada,
Aos Iberios funesta—Antão de Almada.

VI

Com Nuno o grande rei, fendendo as vagas,
Vai saltear na Libya o Mauritano:
Ceuta soberba, nas ardentes plagas,
Curva a cerviz ao jugo Lusitano.
Sulcar sob o pendão das sanctas Chagas
Eis manda Henrique o tumido oceano,
E assim as bases lança a regia prole
Do Luso Indico imperio á ingente mole.

VII

Ramo illustre, immortal, de excelso tronco,
Da patria o mór brazão, ditoso Henrique,
Que povo a terra habita, inculto e bronco,
Onde a fama teus feitos não publique?
A rudeza do engenho, o ingrato e ronco
De minha voz, me tolhem que dedique
Hymnos a ti. Seu vôo aos astros alce
Futuro Homero, que teu nome exalce!

VIII

Em Sagres, douto astronomo profundo,
De futeis cortezãos fugindo o trato,
Fundaste eschola, proveitosa ao mundo
Mais que a Stoa, o Lyceu ou Peripato.
A teu alto valor, genio fecundo,
Terás cantor sublime. O Luso, grato,
Alli donde tal luz então raiava,
Hoje em simples padrão teu nome grava.

IX

Sob os auspicios teus, o pégo undoso
Sulcam novos Jasões, que o mundo admira,
Mais que o rei da Thessalia aventuroso
Dignos d'epica tuba, Ismenia lyra.
O Euxino elle assoberba, e, cubiçoso,
O véllo de ouro a conquistar aspira:
Elles chegam, sulcando os mares largos,
Mais longe vezes cem que a immortal Argos.

X

Commettem mór empreza, e os não vigora
Certeza de hum thesouro, em risco tanto.
Ei-los á vela já de foz em fóra...
Corre em terra dos seus o amargo pranto.
Ide, nautas heroes! Da roxa aurora
O berço outros verão. Vós entretanto
Mostrai ao mundo infindas maravilhas,
Novas no campo equoreo amenas ilhas.

XI

Perestrello, Cabral, Teixeira, e Zarco,
Com inveja vos olha a Europa inteira:
Por fabula julgado o Herculeo marco,
Muito alem floreaes Lusa bandeira.
Ignota a Ptolemeo, Strabão, Hipparco,
Lusa colonia he já gentil Madeira:
Dobrado o Bojador, he justo, Eannes,
Que da empreza feliz, lédo, te ufanes!

XII

Emquanto ao rei e ao reino o Luso arrojo
Terras sujeita que descobre ao mundo,
O Mauritano o vê, com grave enojo,
O furor arrostar do mar profundo.
Pondo mira em vingar-se, e no despojo,
Ceuta roubar-lhe tenta, e, furibundo,
Armas toma, áquem mar busca reforços;
Rabido, emprega os ultimos esforços.

XIII

Baldados todos são: por duas vezes,
Ao grão poder de toda a Barbaria
Oppõem os poucos bravos Portuguezes,
Com fructo e gloria, a usada valentia.
Honra perenne ao inclyto Menezes,
Que a praça que João só delle fia
Defende, contra assaltos e entreprezas,
Com mil d'esforço illustres gentilezas!

XIV

Duarte da facundia a illustre palma
Tem jus, e á do saber proficuo, e vario;
Mas então da fortuna o vento acalma,
Ou antes sopra rijo a nós contrario.
Nada val siso, ardor, grandeza d'alma,
Em Tanger, contra o barbaro adversario,
Quando pelo arrayal que salvo fica,
Fernando, o santo heroe, se sacrifica.

XV

Do inclyto Infante as barbaras cadeias
Embalde, ó terno irmão, quebrar anhelas:
Penar o vês nas Libycas areias,
Martyr da sancta fé, que attento zelas.
A custo a magoa atroz no peito enfreias,
E (estimulo á virtude, e ás acções bellas)
No estudo contra a dor buscando asylo,
Dictas maximas d'ouro em nobre estylo.

XVI

Depois, quando terrifico flagello
De crua peste afflige os teus vassallos,
Todo attento ao seu bem, de reis modelo,
Desprezas fasto, commodos, regalos.
A patria, grata ao paternal desvelo,
Do contagio aos lethiferos abalos
Ao ver-te succumbir, deplora afflicta,
Qual desdita geral, esta desdita!

XVII

De Affonso em nome, intrepido, governa
Pedro (após Leonor) com raro siso,
Por dois lustros, em paz; nem da paterna
Gloria desdiz, no publico juizo;
Mas torpe enredo de discordia interna
Torna-o suspeito ao rei com falso aviso:
Elle que a defender-se, armado, corre,
Reputado traidor, combate, e morre.

XVIII

Gentis proezas faz, de Pedro ao lado
(Que segue em lance tal, risco tamanho)
Almada, em brio e esforço acrysolado
Claro no patrio solo, e em solo estranho.
Sabe que jaz o Infante emfim prostrado...
A morte afronta com horrendo assanho;
Ninguem com tal guerreiro arrosta a salvo;
Té que succumbe de mil golpes alvo.

XIX

Desventurado heroe! (se quem perece
Ao seu rei resistindo em cru certame,
Bem que por nobre impulso, inda merece
Que sem labeo a historia heroe lhe chame).
Por fim teu brilho em parte se escurece
Funesto effeito de hum enredo infame!
Teu nome illustre foi, sem mancha a vida,
Misera a morte em lucta fatricida!

XX

Das patrias leis o codigo primeiro,
Sendo Affonso inda infante, se promulga;
Fixa norma ao juiz, que justiceiro,
Por elle sem perigo as causas julga.
Com applauso geral do reino inteiro,
Subito a fausta nova se divulga;
Que sabias leis o povo em mais estima
Que esplendida victoria, ou preza opima.

XXI

Na Libya o Quinto Affonso a lança enrista,
Exemplar de valor e de destreza:
Arzila, Alcacer, Tangere, conquista,
Novos tropheos da gloria Portugueza;
Mas em Toro he forçoso que desista,
Mao grado ao seu valor, da altiva empreza:
O sceptro deixa, e a patria, e emfim de novo
Volve a reger monarca o Luso povo.

XXII

Mostra assim neste Rei, na paz, na guerra,
Seu genio instavel a fugaz fortuna:
Corôa o seu valor na maura terra;
Suas velas, galerno, o vento enfuna;
Mas de dita maior lhe as portas cerra:
Que ao sceptro proprio estranhos sceptros una
Estorva, e frustra, com tal mudança,
De Affonso a dupla, altissima esperança.

XXIII

Fernando de Aragão da esposa o priva,
Priva-o do throno excelso de Castella:
Joanna, que o perdeu, geme captiva
De Franciscano claustro em pobre cella.
Do Luso Rei consola a magoa viva
A filha, angelical, sancta donzella;
Outra Joanna, em caridade e zelo,
De esposas de Jesus mestra, e modelo.

XXIV

Já da luz do saber, fulgente, assoma
O crepusculo em Lysia. Á gente Lusa
Seus thesouros revela a antiga Roma;
Pule-se a lingua barbara e confusa:
De Octavio o nobre exemplo Affonso toma;
Com prasenteiro rosto, e mão profusa,
Os sabios agasalha, e ao dezempenho
De illustre empreza anima hum nobre engenho.

XXV

Luso Osymandias, busca e ajunta, ufano,
De escriptos immortaes rico thesouro,
Mais prezados do douto soberano
Que perlas, que rubis, que metal louro:
Assim prepara ao povo Lusitano
Das lettras, e saber, a idade d'ouro,
E desde já consagra em seu palacio
Culto ás Musas gentis do antigo Lacio.

XXVI

Coutinho e Castro dão em seu reinado
Honra á patria, e mais brilho ao lustre avito:
Peres e Almeida esforço abalizado
Mostram de Toro no infeliz conflicto:
De seu grão genitor vivo treslado,
Menezes immortal, guerreiro invicto,
Por salvar o seu rei de indubio exicio,
A vida entrega, alegre, em sacrificio.

XXVII

O Segundo João em gloria, em dita,
Poucos reis tem iguaes nos fastos Lusos:
De hum poder oppressor o jus limita,
Fonte fatal de innumeros abusos.
Faz que em sertões da Libya a Cruz bemdita
Proscreva os cultos vãos, os feros usos,
E, descuberto o Cabo Tormentorio,
Dá fausto nome ao fero Promontorio.

XXVIII

Alvo do atroz rancor de seus magnates,
A quem tolhe o poder, o fasto humilha,
Vence, feliz, as tramas, os embates,
E a vereda encetada, ousado, trilha.
Qual bravo heroe nos horridos combates,
Qual modelo de reis na historia brilha;
Mas seus feitos a fama exalte embora,
Feia nodoa de sangue os desprimora.

XXIX

Parte, juiz, executor, castiga
Do Duque de Vizeu atroz offensa
João, que com disfarce o reo obriga,
Contra si mesmo a proferir sentença:
Já, por suspeita de rebelde liga,
Sem que prova cabal disso o convença,
Hum Bragança infeliz, truncado o collo,
Tingira de vermelho o verde solo!

XXX

Imperando João, lançam semente
Do eloquio divinal, cultores pios,
Com indefesso ardor, na Libya ardente,
Ferteis tornando os safaros baldios.
Nem esquece entretanto a Lusa gente,
Nos horrores da guerra os marcios brios:
Targa o diga, e Camice, e a cavalgada
Do Mauro Alcaide rota e debellada.

XXXI

Borba, Menezes, Tavora, aos vindouros
Deixam exemplos de immortal bravura;
Alvo das settas dos ferozes Mouros,
Alçam a fronte intrepida e segura.
Nem a lembrança dos ceifados louros
Ha de envolta ficar em noite escura;
Já fazem dos heroes memoria dina
Fernão Lopes, Rezende, e Ruy de Pina.

XXXII

Nos fastos nossos, nos da Europa inteira
Terás memoria eterna, illustre Dias:
De nenhuma outra náo seguindo a esteira,
Em ardua empreza, intrepido, porfias:
Da Libya á extremidade derradeira
Os teus bateis aventuroso guias;
O cabo horrendo, incognito, descobres;
Mas ao Ceo não apraz, que, conscio, o dobres!

XXXIII

Em quanto assim o esforço Lusitano
Mares devassa, barbaros debella,
Da dor mais viva ao Luso Soberano
O peito assalta subita procella.
Affonso o filho seu, que brinca ufano,
Nimio audaz corredor, perdida a sella,
Perde nos braços seus (fatal corrida!)
Mancebo, em choça humilde, a esposa, e a vida.

XXXIV

Eis Manoel no solio! Eis sublimado
Ao fastigio da gloria o Luso nome!
Eis chega o prazo a Lysia assignalado,
Em que estranhas nações descubra e dome.
Digno do grande Rei, por seu mandado,
Nobre varão, de fulgido renome,
Ao remoto oriente, em fragil pinho,
Abre, primeiro, o incognito caminho.

XXXV

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empreza, e ao cabo a levas!
A innumeras nações que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas pagans, mauras, phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que com applauso igual de reis, e povos,
Assumes, Rei de reis, ditados novos.

XXXVI

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite, e dia, em teu animo revolves:
Na reforma das leis, e em tudo o resto
Mostras que ao bem geral a mente volves.
Hum só acto te mancha, acto funesto!
De barbara expulsão na pena involves
Todo hum povo infeliz, sem mais delicto
Que cega obstinação no antigo rito!

XXXVII

Igual fazes sentir rigor injusto
Á prole d'Ismael, que então submissa
No solo (outr'ora seu) viver sem susto
Só quer, ao fasto estranha, e á vã cubiça.
Monarca em tudo o mais clemente e justo,
Surdo á voz da piedade e da justiça,
De inico pacto ás leis prestando assenso,
És causa ao povo teu de hum damno immenso.

XXXVIII

Oh! se dos fastos da inclyta Ulysseia
A pagina rasgar possivel fôra,
Em que nodoa lançou sanguinea e feia
Do fanatismo a furia assoladora!
Mas honra a MANOEL, que não fraqueia,
Ao crime irroga a pena vingadora,
Novas scenas de horror, próvido, evita,
E d'Israel defende a prole afflicta!

XXXIX

Epocha digna de immortal memoria,
Por grandes feitos, por heroes, brilhante,
A quem deve o fulgor de immensa gloria
O Rei descobridor, feliz e ovante!
Lyra, ou tuba não ha, nem voz de historia,
Que quanto o mereceis vos louve e cante,
Varões cujas acções o mundo acclama,
Dois Coutinhos, Sequeira, Almeidas, Gama!

XL

Mas entre os Capitães, que ás Lusas quinas
Dais por terra, e por mar, victorias cento,
Em acções de valor quasi divinas
Sois, Pacheco, e Albuquerque, o mór portento.
Tu, Pacheco, em Cochim mortes fulminas,
Ao feroz Samorim frustrando o intento:
Que heroe ha que mais lide, e gloria merque
Dos seus em prol, que tu grande Albuquerque?

XLI

So gloria inda maior no mundo inteiro
O Gama grangeou, que a Lusa frota
Levando ao Ganges, nauta aventureiro,
Por nunca d'antes conhecida rota,
Houve depois hum digno pregoeiro
Do inclyto feito á idade mais remota;
Mais venturoso heroe que o Macedonio,
Que a falta chora de pregão Meonio!

XLII

Venturoso tambem (inda que as Musas
Não te hajam esmaltado o nome e a fama)
Cabral, que a vez primeira os mares cruzas,
Recem-sulcados pelo illustre Gama!
Quer Deos que a frota, próvido, conduzas,
A salvo do tufão, que horrendo brama,
Á nobre terra, então inculta e agreste,
A que da *Santa Cruz* o nome dêste.

XLIII

(Terra vasta, feliz, fecunda, e bella,
Quasi hum segundo Edén, dos ceos mimosa,
Onde em ser liberal mais se desvela
Natureza opulenta, e dadivosa.
Outra não pode competir com ella,
Região fertil, rica e deleitosa;
Té lhe cedem a palma as celebradas
Média, Ophir, Tempe, e as Ilhas Fortunadas).

4

XLIV

A par destes varões varão illustre
Cumpre aqui nomear, que ao patrio ninho
Deu (talvez seu maugrado) eterno lustre;
Mas em proveito do poder visinho.
Não sentes, Magalhães, que te deslustre,
Contra o Rei que te aggrava, odio mesquinho!
Feito o gyro do globo, em erma praia
Te vara o coração lança Malaia.

XLV

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva,
Com denodado arrojo, á Libya ardente,
Jaime, duque immortal, que mais eleva
Da Brigantina estirpe a gloria ingente.
A culpa expia assim de huma acção séva;
Rende Azamor, aterra a Maura gente,
Que igual temendo proxima ruina,
Lhe abre as portas de Tite, e de Almedina.

XLVI

Perlas, ouro, rubis, em copia immensa,
O domado oriente ao Tejo envia;
Que mil bens, generoso, o ceo dispensa
Ao Luso Rei, á Lusa Monarquia.
Propaga, mais e mais, de Christo a crença
O Rei nas plagas donde nasce o dia;
E de victorias cem colhendo o fructo,
A Deos primicias paga, e amplo tributo.

XLVII

Assim o attesta a fabrica sagrada
Por sua gratidão, piedade e zelo,
Com regio fausto erguida, e consagrada
Á Virgem Mãi, na praia do Restello:
Assim o prova o brilho da embaixada,
Qual Roma outro não viu, nem torna a ve-lo,
Quando Tristão do Luso Soberano
Levava os ricos dões ao Vaticano;

XLVIII

Nem por victorias só, ditoso, brilha
Manoel, e por fulgida riqueza;
Do terceiro seu thoro inclyta filha,
Maria, esmalta a gloria Portugueza;
Do seu sexo ornamento e maravilha,
Entre socias gentis, gentil Princeza,
Colhe, largando os feminis lavores,
Das Musas no vergel, fructos e flores.

XLIX

As Sigeias rimans, que brilho eterno
Dão á nação Franceza, e á gente Hispana,
Iguaes o proprio e o merito paterno
Ganham favor na corte Lusitana.
E que outra em tempo antigo, ou no moderno,
Sabia matrona, Hellenica, ou Romana,
Pode, em siso e saber, nos dotes d'alma,
A Hortencia Castro contender a palma?

L

Quanto em Pella dictara o Estagyrita,
Quanto ás margens do Sena o bom Lombardo,
Tudo folga aprender, tudo medita,
Ao mimo feminil sem ter resguardo.
Por seu vasto saber, que assombro excita
Entre os mais doutos, em solemne alardo,
Recompensa lhe dão, com mão não parca,
Filhos e netos do feliz Monarcha.

LI

Cada vez mais brilhar na paz, na guerra,
Vistes, filhos de Lysia, a Lusa gloria:
Nação nenhuma entre as nações da terra
Lugar mais nobre conquistou na historia!
Todos os versos que este canto encerra
Gravai, ufanos, na tenaz memoria;
Que eu, após breve folga, ao thema rico
Volvendo, hum novo canto á vós dedico.

CANTO III

I

Vimos té agora o povo Lusitano
Ao Romano poder, na prisca idade,
Com valor resistir mais do que humano,
Em defensão da cara liberdade:
Autonomo surgir, e soberano,
Vimo-lo após, em prol da Christandade,
E álem mar, vencedor, em climas novos,
Dictar leis desde o Tejo a estranhos povos.

II

Assim subiu ao cume da ventura,
Do ceo mimosa, a gente Lusitana:
Veio a descer depois; que pouco dura
(Sorte ás nações commum) a dita humana!
Mas sempre a mesma em brio e na bravura,
Resistiu firme á furia Castelhana,
Só docil (sacudindo o jugo alheio)
De seus Reis naturaes ao doce freio.

III

Igual na nossa idade, o Luso esforço
Se ostentou, nobre exemplo, ao mundo inteiro,
Contra as phalanges do soberbo Corso,
Sob o sabio, immortal, Anglo guerreiro.
Massena embalde pede em seu reforço
Cohortes mais e mais, por derradeiro,
Chamem-lhe embora o *Filho da victoria*,
Cede ao Luso valor a terra, e a gloria!

IV

Se da senda directa ao fim proposto
Da patria o sancto amor causou desvio,
Após proemio tal, com novo gosto,
Da breve narração retomo o fio.
Assim, conforme o nobre presupposto,
Á virtude animando o Luso brio,
De nossos Reis e heroes, com grato enlevo,
Nobres feições a bosquejar me atrevo,

V

O Terceiro João, volvendo a mira
Ás ferteis regiões da roxa aurora,
Presidios, armas, d'Africa retira,
Com que n'Asia o poder dilata e escora:
Nem a marcios laureis sómente aspira;
Da Santa Cruz a terra, attento, explora,
E n'hum solo introduz, deserto e inculto,
Gente, fabrico, leis, policia e culto.

VI

Transatlantica terra, aos Lusos cara,
Deu-te sagrado nome o alto mysterio
Da humana redempção. Salve, preclara,
Ditosa região, florente imperio!
Hum sceptro paternal te rege, e ampara
(Exemplo singular nesse hemispherio)
És livre, e o queres ser; mas vês sem susto
O prestigio, o 'splendor, de hum solio augusto

VII

Sempre mais em poder, riqueza, e lustre,
De Lysia amigo e irmão, cresce e prospera:
Nunca os esforços de teus filhos frustre,
Flagello das nações, discordia fera.
Escude-te o valor, a paz te illustre,
E em piedade pura, e fé sincera,
Entre os povos dos mundos, velho e novo,
Só, ditoso, te iguale o Luso povo!

VIII

De João no governo, ás Musas grato,
Novo esplendor recebe a Lusa Athenas:
Quem das lettras se apraz no doce tracto,
No Lusitano Augusto acha Mecenas.
Ao estylo, á dicção, riqueza, ornato,
Dão engenhos subtis, fecundas pennas:
Seu reinado, nas artes de Minerva,
Da idade d'ouro o nome inda conserva.

IX

Nos jogos marciaes não menos brilha:
Pela fé, pela patria, obram façanhas,
Dos antigos heroes seguindo a trilha,
Novos heroes, em cercos e campanhas.
São de alto esforço ao mundo maravilha
Sousas, Cunhas, Rolins, Pires, Saldanhas,
Limas, Silveiras dois, claros mil vezes,
Mascarenhas, Galvões, Cabraes, Menezes.

X

Por armas, por saber, inclyto infante
Luiz, esmalta a fama á 'stirpe augusta:
Ao Cesar leva auxilio—armada ovante
Que he de Tunis terror na praia adusta—
Embora á summa alteza o não levante
Politica invejosa, ou sorte injusta,
Não perde em que de um throno o fado o prive:
Mais claro que cem reis na historia vive.

XI

Altivolante espirito, devassa
Da região etherea o campo immenso:
Do nosso globo a portentosa traça
Continuo estuda com ardor intenso:
Depois, mimoso da celeste graça,
Despreza gloria vã, prophano incenso,
Castalia esquece, e Urania, e Dirce, e as Nymphas;
Do Siloé só bebe as sacras lymphas.

XII

Longo tempo depois feliz memora
Nobre engenho teus feitos singulares,
Castro, por cuja morte, afflicto, chora
Mais de hum povo nos Indicos palmares.
Tal no oriente qual na Libya outr'ora,
Dio vais soccorrer, talhando os mares,
E dás, libertador, vingado o filho,
Ao nome Portuguez um novo brilho!

XIII

Destes, e outros heroes, á ingente gloria
Dão realce afamados escriptores,
Inscrevendo no templo da memoria
De seu denodo os feitos e primores.
A gentil Musa que preside á historia
Já conta em Lysia fervidos cultores:
Quem ha que a palma entre elles não conceda
Ao Luso Livio, a Osorio, a Castanheda?

XIV

Lettras, sciencias, do supremo lume
Duplice facho, emanação celeste,
Povo que vos não preze, em vão presume
O labéo evitar de inculto e agreste.
Tal o Luso não é. Propicio Nume,
Após marcios tropheos, quer que se apreste
Grecia, e Lacio, a emular nas nobres lides
Que hão dado lustre a Homero, a Tullio, a Euclides.

XV

Soltai na patria, prospera e tranquilla,
Lusos vates, ao canto as doces vozes:
A nobre poesia o gosto instilla
Do *bello*, até nos animos ferozes.
O povo attento está: folga de ouvi-la
Na scena deplorar casos atrozes;
Plebeus baldões notar com vivas cores;
Cantar armas, heroes, o campo, as flores.

XVI

De Menandro rival, rival de Plauto,
Lustra Vicente a scena Lusitana:
Com chiste sempre novo, em farça, em auto,
Em comedia, recreia e o tempo engana.
Todos patentes faz (talvez incauto)
Os escondrijos da malicia humana:
He delicia dos seus, de estranhos pasmo,
A regia corte o diga, e o grande Erasmo.

XVII

Bemquisto do monarcha, ao povo aceito,
Miranda, probo, culto, ingenuo, e grave,
De Platão Portuguez ganha o conceito,
Pela pura moral, dicção süave.
Os thesouros que encerra o sabio peito
Folga a todos abrir com aurea chave:
Sem que jamais do assumpto o tom desvaire,
Quanto escreve tem sal, siso, e donaire.

XVIII

O Flacco Portuguez, douto Ferreira,
O cothurno de Euripides calçando,
Sobre os palcos de Lysia a vez primeira,
Chora de Ignez o caso miserando.
Segue de Moscho a florida carreira
Bernardes, e descanta, em som mais brando,
Affectos de zagaes, folguedos, magoas,
E do seu Lima as crystallinas agoas.

XIX

Eis já, fadado á negra desventura,
Cresce (Maro futuro) hum nobre infante:
A quem doou, munifica, natura
Lyra sonora, tuba altisonante.
Mancebo, o claro engenho exerce, apura;
Não tardará que á patria, e ao mundo, cante
Nymphas, o Tejo, os pastoris cuidados,
E «As armas e os Barões assignalados.»

XX

Outros, ao som da tuba, ao som da lyra,
Cantam armas, heroes, nymphas, pastores:
Conta infortunio atroz, ternura inspira,
Hum de nossos mais inclytos cantores.
Quem lagrymas não verte, ou não suspira,
Lendo da sorte os barbaros rigores
De que, lustros depois, deixou memoria
Corte Real na miseranda historia?

XXI

Desdita á vossa igual a nossa idade
Não viu, nem vira o seculo vetusto,
Sepulveda, e Leonor, que a tempestade
Arremeçou da Libya ao solo adusto.
Dos Cafres alvo á bruta feridade,
Após fadigas mil, continuo susto,
Vós co'a prole adorada em fim consome
O frio, a calma ardente, a sede, e a fome!

XXII

Nem só caso tão misero relata
Corte Real, em lugubres accentos:
A jubiloso canto a voz desata,
De esforço celebrando altos portentos.
Deste canto a materia, aos Lusos grata,
Excita, inflamma, nobres sentimentos:
São incentivo á marciaes primores
De Dio, ind'hoje, os bravos defensores.

XXIII

No amor da fé catholica incendido,
O Terceiro João sempre forceja
Por conduzir o herege, o impio descrido,
O Judeu, ao redil da madre Igreja.
Mas o zelo melhor, mal dirigido,
Aonde a mira põe, nem sempre alveja.
Do tribunal que em Lysia então se erige
Mil excessos ao ler, quem não se afflige?

XXIV

Mas quem de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa,
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios gosa?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra alem mar guarda teus ossos:
Propicio acolhe, ó Santo, os cultos nossos!

XXV

Ao Terceiro João morte immatura
Arrebata, cruel, o filho amado;
O principe João, que da ventura
Tinha os mimos té alli sempre logrado:
Morre dos annos na gentil verdura,
Qual tenra flor se a piza o duro arado.
Do mancebo infeliz, flebil, canora,
Lyra do Luso Homero a perda chora.

XXVI

Sebastião succede em tenra infancia
Ao pio avô, que próvido confia
De Catharina ao zelo, á vigilancia,
O regio herdeiro, e a inteira monarquia.
Com prudencia, vigor, siso, e constancia,
A Princeza a governa, e os passos guia
Do neto que educar tem a seu cargo,
Té que larga, espontanea, o duplo encargo.

XXVII

Cresce o menino Rei sob a tutela
De seu augusto purpurado tio:
Tem apenas dois lustros, já revela
Altos instinctos de mavorcio brio.
Só pensa e sonha no que mais anhela—
Em guerrear o Mouro, e o vão Gentio—
Reina, e nunca cedendo ao ocio ignavo,
Hum defeito tem só—he nimio bravo.

XXVIII

Em quanto o pio heroe em verdes annos
Medita, incauto, a mais infausta empreza,
Atouguia entre os povos indianos
Sustenta, invicto, a gloria Portugueza.
Em Chaul, Gôa, Achem, doma os tyrannos,
Que em vão lhe oppõem ardis, força, e braveza.
E em tudo successor se mostra dino
De Coutinho, Noronha, e Constantino.

XXIX

De taes proezas, mais e mais a fama
Ao Lusitano rei no nobre peito
Do fervido desejo ateia a chamma
De obrar na Mauritania hum grande feito.
Entre Moluco e Hamet odio se inflamma,
Que pertendem a hum throno ambos direito:
Sebastião a maura inimicicia
Para a facção fatal julga propicia.

XXX

Com temerario ardor brandindo a lança,
Nos areaes da Libya encontra a morte:
Não lhe he dado vencer; mas nome alcança
De campeão da fé zeloso e forte.
Cortada assim em flor tanta esperança,
Chora o Luso da patria a infausta sorte,
Vendo, alem de chorar dezar tamanho,
Inpendente á cerviz hum jugo estranho!

XXXI

Porém antes que em parte a Lusa gloria,
Tão fulgida até li, fosse eclipsada,
Perdido o rei, e a palma da victoria,
De Alcacer na miserrima jornada;
Varões credores de immortal memoria,
Não com fero arcabuz, fulminea espada,
Mas com armas do Ceo, travam peleja
Contra a turba rebelde á madre Igreja.

XXXII

Reina o Tercio João... Eis vão a Trento,
De toda a grei Christã, sacros pastores,
A condemnar em santo ajuntamento,
Sob o pastor supremo, impios errores.
Todo o sabio concilio admira, attento,
Entre os da fé mais claros defensores,
Os que, com nobre ardor, no fixo prazo,
Manda o povo fiel do extremo occaso.

XXXIII

Ide athletas da fé! Com auso infando,
Que turba a doce paz, mil males gera,
De Luthero e Calvino o duplo bando
Da madre Igreja as visceras lacera.
De vós serviço e auxilio memorando,
Á santa causa, a patria exige e espera:
Lá vos vejo affrontar do inferno a raiva,
Azambuja immortal, Foreiro, e Paiva!

XXXIV

Tu Bracharense Martyres, se tanto
Te não ostentas orador facundo,
Reformador austero, humilde, e santo,
Brilhas não menos por saber profundo.
(Depois, largando o bago, e o rico manto,
Vestido de cilicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho
Em pobre claustro, no teu caro Minho)

XXXV

Estes a Igreja escuta, estes venera,
Mestres da fé Christã, da moral pura,
Quando em Trento erros mil fulmina austera,
Filhos do orgulho, e heretica impostura.
Nem só seu vôo erguendo á mór esphera
Do divinal saber, se exerce e apura
O Luso engenho então: por igual modo
Cultiva da sciencia o campo todo.

XXXVI

Do nobre Gama a empreza peregrina
He por Camões cantada, em versos de ouro:
Das drogas do oriente á medicina
Horta revela incognito thesouro:
Nunes, de Urania alumno, alta doutrina
Dicta, c'roado de Apollineo louro:
Do Franco povo a flor pende dos labios
Dos Gouveias, de Vaz, eximios sabios.

XXXVII

A sulcar, Pinto, ousado te abalanças,
Em pinea fusta, pelagos remotos:
Ritos contas depois, poder, e usanças,
De povos, e de reis; ao mundo ignotos.
Colhes mór fructo, Heitor, mais gloria alcanças,
Aos doutos caro, e aos animos devotos,
Traçando em casta, flórida, linguagem,
Da vida do Christão a nobre imagem.

XXXVIII

Toma Henrique de Lysia o regimento,
Rei após a catastrophe Africana.
Deste monarcha o são merecimento
Dá lustre ao solio, e á purpura Romana:
Mas vigor lhe fallece, e fino tento,
Que opponha á força, e á fraude Castelhana:
Frouxo governa, hesita, e não decide
Da successão ao throno a grande lide.

XXXIX

Saboia, Hespanha, o Vaticano, a França,
Parma, a vans pertenções chamam justiça;
Que huma tão rica, tão illustre, herança
Accende em todos fervida cobiça.
Antonio, que da plebe o voto alcança,
Entra, audaz contendor, na dubia liça,
E intrepido assoberba as hostes d'Alva;
Mas só fugindo, a custo, a vida salva.

XL

Sómente Catharina ao solio vago
Tem jus; porem sem força o jus que serve?
De seu negro porvir quasi presago,
O reino entre facções se agita e ferve.
Por evitar da guerra o horrendo estrago,
Dicta prudencia então que se reserve
Para sazão aos Lusos mais benina
O brado em prol da estirpe Bragantina.

XLI

Não sobrevive á patria moribunda
O seu cantor sem par, o eximio vate,
A quem privada magoa, a mais profunda,
Nunca doma o vigor, a mente abate.
Á vida, em duros trances tão fecunda,
Desventura geral põe o remate.
Camões, da cara patria o fado corres:
Florece? Vives. Perde a gloria? Morres!

XLII

O desditoso reino, afflicto, exhausto,
Contra estranho poder não tem defeza:
Com violencia, engano, e altivo fausto,
O Ibero opprime a gente Portugueza.
Doze lustros sujeita ao jugo infausto,
O lustre antigo, a prospera riqueza,
Vai perdendo, e recebe, em toda a parte,
Insultos cem do Bátavo estandarte.

XLIII

Não se ufane porém desses insultos
O Bátavo feroz; que o Luso brio
Não soe ultrages taes deixar inultos,
Nem seu nobre furor será tardio.
Não jazem, não, inanimes, sepultos,
Com a perda do antigo poderio,
De Lysia os filhos todos. Eis Furtado,
Que só por muitos vale, em campo armado.

XLIV

De Jafanapatão derrota, e mata,
O soberboso rei: combate a liga
Do Bátavo e do Mouro, e desbarata,
Malaca defendendo, a força imiga.
Vence Cunhales, barbaro pirata,
Que com supplicio extremo emfim castiga:
Terror de Belgas, Turcos, Malabares,
Morre o *grão capitão*, fendendo os mares.

XLV

Tres Filippes, em ordem successiva,
Contra a lei, dictam leis no reino Luso:
Novas iras inflamma, odios aviva,
Do poder usurpado o fero abuso.
Lysia, outr'ora nação potente e altiva,
Geme ao ver-se sujeita ao mando intruso,
Qual o Hebreu, quando exhala as ternas quexas,
Na terra Assyria, èm lugubres endexas.

XLVI

Antonio, longe então do patrio solo,
Por conquistar o solio em vão forceja:
Qual piloto infeliz, toldado o polo,
Sem bussola, á ventura, erra, e veleja.
Opprime estranho jugo á patria o collo:
Luctar que val em tão dispár peleja?
Fallece ao pertensor estranho auxilio;
Seus dias finda pobre em triste exilio.

XLVII

Amarguras do triste captiveiro
Das lettras a cultura em parte adoça:
Castro celebra o fundador primeiro
Da excelsa capital da patria nossa:
Do bom pastor o typo verdadeiro
(Raro haverá quem iguala-lo possa!)
Com estylo sem par, nobre, e jocundo,
He por Sousa indicado á Igreja, e ao mundo.

XLVIII

Brito, Andrade; Brandão, Faria, e Couto,
Consagram todo á patria o claro engenho:
Folga o povo que os lê, torna-se afouto;
Em breve ha de mostra-lo em nobre empenho.
Narra Lucena ao sabio, e ao vulgo indouto,
Com estylo adaptado ao seu desenho,
As do grão Xavier, té alli não vistas,
A bem da fé Christã sanctas conquistas.

XLIX

Mais minaz cada vez, e mais medonho,
Se mostra em Lysia o turbido horizonte:
Eis de repente amostra o sol rizonho,
Dissipado o negrume, a léda fronte.
Qual quem desperta, em fim d'horrido sonho,
Em que vira o Cocyto, o Phlegetonte,
Ou a tetra imagem do infernal verdugo,
O Luso vê quebrado o ferreo jugo.

CANTO IV

I

«Viva o QUARTO JOÃO, do throno herdeiro»
Troço de heroes em Ulysseia brada:
«Viva JOÃO» repete o reino inteiro:
Subito exulta a patria restaurada.
Contra o risco de novo captiveiro
He segura fiança a Lusa espada:
O novo rei, com salutar conselho,
Rapido apresta o bellico apparelho.

II

Com varonil esforço esforça á lide
A esposa de João os Lusos peitos,
Quando elle, antes perplexo, em fim decide
Vindicar pela força os seus direitos.
O libertado povo agora envide,
Provocando heroes á guerra afeitos...
No marcio jogo, em breve, ao mundo todo
Provas dará de indomito denodo.

III

Dos feitos com que então se immortaliza
O valor Luso em perennal memoria,
De Gusmão cabe á inclyta Luiza
Não pequeno quinhão na immensa gloria.
Vilhena assim não menos se abaliza,
Nem menos brilha, e brilhará na historia;
Os filhos arma, e os vê, tranquilla e forte,
Da patria em defensão correr á morte.

IV

Tambem, sem medo de final desastre,
Em tão riscoso trance, á prole sua
Conselho dá magnanima Lencastre
Que mais e mais alento ao peito influa.
De ambas com verde louro a fronte ennastre
A Fama que altos feitos perpetua
De heroïnas (opprobrio aos varões fracos!)
Quaes Thomyris, Zenobia, e a mãi dos Gracchos

V

Com lettras de ouro em marmore gravados,
Em Luso Pantheón, ler inda espero
Vossos nomes, varões assignalados,
Por quem a patria quebra o jugo Ibero;
E os dos outros heroes abalizados
Por quem na paz, no marcio jogo fero,
Brilhar a vejo, ufano em doce arrobo,
Nas cinco partes do terrestre globo!

VI

Mas emquanto esse alcaçar erigido
Não he por Lysia aos seus libertadores,
Por tal denodo o galardão devido
Paguem-lhes vates, paguem-lhes pintores.
Eu, a quem, d'arte e engenho desprovido,
Fallecem estro, voz, pinceis, e cores,
Deixando á nobre empreza aberto o campo,
Seis nomes sós, aqui, singelo estampo.

VII

Ribeiro, Cunha, Almeida, honrai meu canto,
E vós, Mendonça, Mello, e Antão d'Almada,
Por quem a patria enxuga o triste pranto,
De tão longo infortunio libertada.
Por vós seis, que ligou vinculo santo,
A façanha immortal fôra traçada;
Quarenta a preparaes, dignos magnates,
Que Almada ajunta, e afouta, em seus penates.

VIII

E não deve sómente á espada, á lança,
Á plumbea pella, a patria o seu resgate:
Em prol della, e da estirpe de Bragança,
Quem o plano traçou, quem deu rebate?
Ribeiro gloria igual á gloria alcança
De heroe que lucta em marcial combate;
Qual tu tambem, que outr'ora o jus denegas
Á Beatriz em Lysia, ó nobre Aregas.

IX

Tambem defende a patria, e o Rei nativo,
De Demosthenes Luso a voz, e a penna;
Inda que com ardor não menos vivo,
Lucta Vieira em mais sagrada arena.
(Nos dois mundos, de Deos Ministro activo,
Com dicção pura, grave, ornada, amena,
Encanta, ensina, e move, o sabio, e o rude,
Fulmina o vicio, exalta a sã virtude.)

X

Suffocar tenta Hespanha o brado altivo,
E move embalde innumeras cohortes,
Que apagar não lhe he dado o fogo activo
Pelo amor patrio acceso em peitos fortes.
O Luso, com ardor mais e mais vivo,
No Hispano solo espalha estragos, mortes;
Que he digno de ser livre ao mundo amostra,
E as forças do oppressor opprime e prostra.

XI

Galliza o diga, por Coutinho entrada
(Armem-se embora os feros moradores)
Diga-o Valverde, subito assaltada
Por Mello, digno de immortaes louvores.
De mais de hum Mello a fulminante espada
Repelle então, e humilha, os invasores,
E preserva de incendios, e ruinas,
Os Lusitanos muros, e campinas.

XII

De Montijo na horrisona batalha
Contraria sorte os nossos atropella:
Tomados os canhões, terror espalha
No Luso campo a gente de Castella.
Mas prestes Albuquerque o damno atalha,
E os mais fortes armigeros debella:
As hostes a quem já fortuna he falsa
Costa com elle ataca, e vence, e encalça.

XIII

Em quanto o reino á furia Castelhana,
Em campo aberto, impavido resiste,
Das victorias da gente Lusitana,
Tremendo, altiva Hollanda, a fama ouviste.
Empolgaras na terra Americana,
Em sazão para o Luso infausta e triste,
Rica preza, ó Nassau; tu Sigismundo,
A largarás, volvendo ao velho mundo.

XIV

Do novo Luso mundo a illustre prole,
Com a prole de Lysia em santa liga,
Do Bátavo poder afronta a mole,
Ambas iguaes na bellica fadiga.
«Nas torres do Brazil não mais tremole
«Bandeira estranha, e acerrima inimiga:»
«Tão nobre terra a Deos, e a nós, pertence»
Barreto exclama, e pugna, assalta, e vence.

XV

Pugna em duros recontros repetidos,
Nem só ganha laureis de esteril gloria;
Sem temer do leão feros bramidos,
Lhe arranca a preza co'a final victoria.
Socios na grande empreza esclarecidos,
Vós, Vieira e Vidal, na Lusa historia
Tereis de encomios fulgida corôa,
E Camarão comvosco, e Figueirôa.

XVI

Nem tão só no Brazil, das santas Quinas
Novamente o pendão, feliz, tremola:
Fim põe o Luso ás Bátavas rapinas,
E em nova lucta brilha, e se acrysola.
A cerviz, Rei do Congo, humilde, inclinas;
E tu, livre do Belga, ardente Angola,
De Salvador Corrêa as leis recebes,
E a celeste doutrina, ávida, bebes.

XVII

Alvo do Anglo furor, á foz do Tejo
Vem dois moços reaes buscar abrigo:
Para a preza que anhela, armar-se vejo
Bando dos reis acerrimo inimigo:
João lhe frustra o barbaro desejo,
E a Mauricio e a Roberto, em tal perigo,
Contra os insultos da facção sanhuda
Seguro asylo dando, os guarda e escuda.

XVIII

De goivos, e jasmins, lirios, e louros,
Hum tumulo juncar quizera agora:
N'hum Principe accumúla os seus thesouros
O ceo, mas cedo a patria o perde e chora.
O Ausonio cisne, em versos vividouros,
De Marcello o agro fim carpira outr'ora:
Theodosio iguaes merece encomios, pranto;
Luso vate lhe sagre hum doce canto!

XIX

Ao rei *restaurador* hum rei succede
De fraco coração, de mente inerte,
Que em juvenis prazeres se desmede,
Sem que o marcio clarim seu brio esperte.
Mais vigoroso chefe a patria pede,
Que em torna-la feliz medite, e acerte:
Deposto, o Sexto Affonso, da desgraça,
No exilio, ou preso, esgota a plena taça

XX

Mas em quanto inda em placido remanso,
Rei, por outrem regido, em Lysia impera,
Não se entorpece o Luso em vil descanço,
Nem do valor os impetos modera.
Com estupendo arrojo, em mais de hum lanço,
Arrosta, rende e doma, a furia Ibera:
Vossos nomes no Pinto aos astros suba,
Magnanimos varões, Homérea tuba!

XXI

Sim só do Cisne Ismenio a voz canora
Devera, ou tuba altisona Meonia,
Os heroes celebrar que ostenta agora
Lysia, a par dos da Grecia, e antiga Ausonia:
Mas rouca seja minha voz embora,
Nem meus labios banhasse a lympha Aonia,
Pregôe ao menos de valor modelos
Jaques, Sancho, Menezes, Vasconcellos.

XXII

Elvas, Ameixial, Castel Rodrigo,
Theatro illustre sois de nobres feitos:
Regio heroe entra em Lysia, e, fero imigo,
Bravos soldados manda á guerra afeitos:
Avança, Evora toma, e diz comsigo:
«Eis domados emfim os Lusos peitos.»
Mas colhe desse ardor fructos amaros;
E Caracena iguaes em Montes Claros.

XXIII

Sancho aos fataes progressos do primeiro,
Que Lisboa ameaça furibundo,
Pondo, ditoso, o termo derradeiro,
No desalento o lança mais profundo:
Menezes, sempre heroe, de heroes herdeiro,
Rebate a vã jactancia do segundo,
Como a de Haro, sem susto, e sem demora,
Nas linhas d'Elvas rebatera outr'ora.

XXIV

Em Castello Rodrigo igual fortuna,
Com gloria igual, os nossos acompanha:
Tropas embora intrepidas reuna
O magnate maior de toda Hespanha.
Ao seu rei promettera o nobre Ossuna
Tropheos, despojos, inclyta façanha...
Promessas vans! Ardis, féros, ataques,
Vencedor, tudo frustra o eximio Jaques.

XXV

Nestor no siso, Ajace na bravura,
Tambem mil planos frustra ao Castelhano,
Vasconcellos, que prospera ventura
Traz do Brazil ao solo Transtagano.
Defeza ao Rei e aos seus sempre segura,
Aos contrarios desdouro e immenso damno,
Muito o seu siso faz, muito o seu braço;
Qual o guerreiro heroe do grande Tasso.

XXVI

Honra, e lustre immortal ao varão forte,
Que seu rei defendendo, e os patrios lares,
Com sereno semblante arrosta a morte,
Que tanto assusta os animos vulgares:
Gloria igual a quem tem por fixo norte,
Das discordias civis nos turvos mares,
A lealdade só, e em risco summo,
Nem revela temor, nem torce o rumo!

XXVII

Perdido o throno, a esposa, a liberdade,
Geme em total olvido o rei deposto;
Torpe infracção dos fóros da amizade
De Affonso aggrava o triplice desgosto:
Só á que julga intrusa potestade
Não inclina a cerviz, mudando o rosto,
Nem o affecto leal, no exilio, esconde,
De Castello Melhor o eximio Conde!

XXVIII

Pedro Segundo á lucta gloriosa
Pôe termo em prol da causa Lusitana,
Quando Castella, em armas desditosa
Por lustros cinco, em fim se desengana.
Então da paz o Luso os fructos gosa,
Té que d'Austria em favor, na lide Hispana,
Não se esquivando ás bellicas fadigas,
De novo afronta as hostes inimigas.

XXIX

Mas antes que na Hesperia desparzisse
Civil discordia seu lethal veneno,
E que de sangue, impavido, tingisse
O Gall'Hispano o Hispanico terreno,
Dispoz o ceo que Pedro compellisse
Em Ceuta, e Orão, á fuga o Sarraceno,
Ajudando a evitar desaire, e damno,
O Luso rei ao rei do povo Hispano.

XXX

Hispana gente, entre as nações do mundo,
Qual outra e mais que tu, valente, e clara?
Combatendo, ou sulcando o mar profundo,
Qual mais firme o perigo, e a morte encara?
Ganhada, após conflicto furibundo,
Nobre conquista, a liberdade cara,
Em ti vê Lysia hum povo irmão e amigo:
Salve, e feliz, conserva o lustre antigo!

XXXI

Não so de Pedro ao florido reinado
Dão lustre a paz, e as bellicas proezas:
Da milicia de Christo heroe soldado,
Brito o decora por Christans emprezas.
Mil e mil deste Luso ouvindo o brado,
Que seus erros condemna, e vis torpezas,
No vasto Madurey se vão curvando
Da lei do santo amor ao jugo brando.

XXXII

Da boa nova arauto, immanas terras,
Prégando, illustra o Luso peregrino;
Sulca o mar, brenhas rompe, atrepa serras.
Dá-lhe forças, e esforço, o amor divino.
Brito, por Deus, da patria te desterras,
Tens na patria celeste o premio dino:
Se fero algoz pagão te arranca a vida,
Lá tens no empyreo a palma merecida!

XXXIII

Em quanto, em plaga barbara, Indiana,
O martyr finda a terreal carreira,
Quental, no patrio solo, a senda applana,
Que, recta, leva á patria verdadeira.
A vencer das paixões na lucta insana
Com zelo ensina, e placida maneira,
Sem que á lei mingue a força, e o mundo adule,
Digno filho de Neri, e de Berulle.

XXXIV

Destes sanctos varões mystica prole,
Pio e douto varão, co'a voz, co'a penna,
Faz que do vicio o máo se desatole,
Procellas d'alma vezes mil serena:
Quer que tudo o Christão á posse immole
Da eterna dita com que o ceo lhe acena;
Aos ignaros da luz; tibios, cobardes,
Inflamma, anima, ascetico Bernardes.

XXXV

Asceta, e pai de rigidos ascetas,
Chagas se lhe avantaja em zelo santo.
Todas de satanaz desponta as settas,
Christão guerreiro sob humilde manto:
Com efficaz uncção, rasões discretas,
Arranca ao peccador sincero pranto;
E ainda, solto da prisão terrestre,
He hoje de Christãos conforto, e mestre.

CANTO V

I

Em successos fecundo, abrir-se vemos
Novo seculo agora. A gente Lusa
Raros nelle fará de esforço extremos,
Dignos dos altos sons d'epica Musa:
Mas se altiva não sobe aos gráos supremos
De heroïsmo, que esplendido reluza,
Da que herdou dos avós gloria distincta
Ao menos os brazões nunca despinta.

II

Eis o Quinto João o sceptro empunha,
Que na pompa e 'splendor do culto santo,
Salomão Portuguez, seu timbre punha,
Digno de fama eterna em doce canto.
Com pasmo a Europa vê (pois não suppunha,
Que um Lusitano Rei podesse tanto)
Os que elle erige excelsos monumentos,
Quasi iguaes aos de Roma altos portentos.

III

Em Mafra, á sua voz, erguida vejo
(Cenobio, alcaçar, templo) immensa mole,
Quando o ceo cumpre hum férvido desejo,
E adita o reino, e o Rei, com regia prole.
Eis á rainha do sereno Tejo,
Porque secca infeliz não a desole,
Lá vem, do seio dos visinhos montes,
Torrente d'agua alimentar as fontes.

IV

A Carlos, pertensor do solio Ibero,
João auxilio dá com sorte varia;
Sempre leal, munifico, e sincero,
Inda quando fortuna acha contraria:
E quando, no mar Jonio, o Turco féro
Move á gente Christã guerra nefaria,
Ao barbaro infiel não dando corro,
Manda a Corfú promptissimo soccorro.

V

Do Tejo eis sahe ufana a Lusa armada:
Em linha de batalha ei-la disposta:
De grossos galeões ei-la cercada:
De todos sem temor a furia arrosta.
A Musulmana frota, destroçada,
Demanda em fuga a Pelopeia costa:
A Italia canta assim, deposto o medo,
Fausto epinicio em festival folguedo.

VI

Oito lustros Attalicos thesouros
O magnanimo rei logra ditoso,
Mais que tropheos prezando, e marcios louros,
D'aurea paz o remanso deleitoso.
Não tão só para si — para os vindouros
Reis da Lusa nação — titulo honroso
Ganha, que entre os Christãos seu zelo abona
Pela fé, de que férvido blazona.

VII

Sobe José Primeiro ao throno augusto,
Mil abusos reforma em tempo breve:
Do terremoto horrendo o damno, o susto,
Providente restaura, e faz mais leve.
Á escolha deste Rei, sagaz e justo
Estimador do merito, se deve
Ministro sem igual; mas cujos fastos
Dias recordam lugubres nefastos.

VIII

Horrida trama a preciosa vida
Ao Lusitano Rei roubar intenta,
Que por favor celeste he defendida
Contra furia infernal, sangui-sedenta.
Folga o Luso fiel vendo vencida
A nefanda traição; porem lamenta
De tantos, e taes reos, no extremo exicio,
O atroz rigor do barbaro supplicio (1).

IX

Mil campeões, nos inclytos certames
Sempre esforçados da Christã milicia,
Proscriptos vejo então. Monstros infames
São talvez de satanica nequicia?
Grande Carvalho, embora ao mundo clames,
Que aos thronos são fataes, e á sã policia;
Antes que affirme tal, de alento á mingoa,
Fique em silencio eterno a minha lingoa.

X

Qual passageira nuvem carregada,
Que ao sol encobre o luminoso disco,
Presto desfaz-se (em chuva desatada)
Após crebro trovão, raio, e corisco;
Tal em Lysia, onde reina a paz dourada,
Apenas se presente o grave risco,
A guerra mostra a negra catadura;
Mas cedo com a paz volta a ventura.

XI

Que ao damno ulterior o grão ministro
Consegue que o reparo se anticípe:
Eis já, deixando a patria, e as margens do Istro,
Demanda a foz do Tejo o claro Lippe.
Do Borbonico pacto, a nós sinistro,
Faz que todo o receio se dissipe,
Que o Luso a estranho ataque oppõe, seguro,
Do esforço e disciplina o bronzeo muro.

XII

Carvalho em breve espaço assim repelle
Fera invasão do Hispano poderio:
Quem ha que por manter mais lide e vele
Illeso, e pleno, o patrio senhorio?
Que no seio da paz mais vingue e zele
O commum interesse, o Luso brio;
Sem que do Anglo poder o dome, ou torça,
O prepotente orgulho, e a enorme força?

XIII

O ocio, a inercia vil, banir procura,
Luso Colbert, da terra portugueza;
Que não sómente a marcial bravura
Dos reinos firma a solida grandeza.
Honra o commercio, a industria, a agricultura,
Fontes caudaes da publica riqueza,
E quer que com ardor, por varios modos,
Para a dita geral concorram todos.

XIV

Ao Ilisso, ao Asopo, ao Tibre, ao Sena,
Pouco já tem que inveje o Tejo, e o Douro:
Sopra ás lettras propicia aura serena,
Ao sabio a fronte cinge o verde louro.
Dás a louca ambição condigna pena,
Cantas heroes ao som da lyra de ouro,
De Pindaro rival no estro divino,
E de Boileau na graça, ó grande Elpino.

XV

De doce eloquio, aos astros remontado,
Devolve Elpino rapida torrente:
Garção, doce cantor, mais repousado,
Commove os corações, illustra a mente.
Ao rio ameno que fecunda o prado,
Murmurando com placida corrente
(Qual não longe da fonte o Tigre, ou o Nilo)
Deste vate semelha o nobre estylo.

XVI

Da Lusa gente a flor não só dedica
Fervente culto ás mais gentis Camenas;
Ás graves disciplinas não se applica
Com menos vivo ardor do que ás amenas.
Em todo o bom saber se ostenta rica,
De mui longo torpor sahida apenas:
Nas margens do Mondego a ensina, e adestra,
Sophia, em douta, e esplendida, palestra.

XVII

Quebrado o jugo da vetusta eschola,
A mente exerce a propria actividade,
Nem do proprio saber tem por bitola
Saber alheio, humana auctoridade.
Mil sonhos vãos do Peripáto immola
Ao santo amor da candida verdade,
E tenta, quanto he dado a engenho humano,
Penetrar da Natura o eterno arcano.

XVIII

De artificio Dedaleo hum Phidias Luso
A Lysia lega em bronze hum monumento:
Suppre engenho inventivo a mingoa de uso,
Obram Costa e Machado alto portento.
Ministro de um monarca em dons profuso,
Se ás lettras dás, Pombal, fecundo alento,
Em proteger não menos te desvelas,
Os misteres fabris, e as artes bellas.

XIX

Por teu esforço e zelo, em breves annos,
Da sem igual catastrophe espantosa,
Reparados de todo os mores damnos
Vira a Lusa metropole famosa.
D'entre as ruinas, por teus sabios planos,
Surgindo assim mais bella e magestosa,
Teu nome exalta, e grata te pregôa
Seu novo fundador a grão Lisboa!

XX

Estirpe varonil ao regio thoro,
Surdo a preces, o ceo negado tinha:
Maria reina: a fama em som canoro
Publíca os dotes da immortal Rainha.
Mantem do throno o rigido decoro,
Santo zelo seus passos encaminha,
E cauta poupa, em tempos aziagos,
Ao solo patrio os bellicos estragos.

XXI

Mas aos pactos fiel, luzido envia
Auxilio contra o Gallo ao Rei da Iberia:
Sempre constante, a Lusa valentia
Dá dos vates ao canto ampla materia.
Os Pyreneos em marcia galhardia
Vêem a prole brilhar da nobre Hesperia;
Porem na féra lide (Hespanha o sabe)
O mór quinhão de gloria aos Lusos cabe.

XXII

Maria outorga ás lettras, á sciencia,
Em proveito commum, favor, amparo;
E deixa de real munificencia
Mais de um padrão aos posteros preclaro.
Eis Lafões, pondo termo a longa ausencia,
Volve á patria, e a Minerva, e ás Musas caro,
Sob auspicio real ('stimulo e premio)
Os sabios honra, e ajunta em nobre gremio.

XXIII

Converte Almeida asperrima vereda,
Que ao templo da sciencia conduzia,
Em ameno vergel, e desenreda
De tricas mil a sã philosophia.
Tão pio como Anselmo, Alcuino, e Beda,
He no humano saber mais sabio guia:
Pena, que insigne por tão nobres partes,
Nimio culto rendesse ao seu Descartes!

XXIV

A soberana, próvida, dirige
Ao porto da ventura a náo do estado;
Ao culto divinal templos erige;
Prodíga aos pobres maternal cuidado:
Porem golpe cruel seu peito afflige...
Perde Pedro piedoso, o esposo amado,
De virtudes Christãs modelo egregio,
Que a seu lado occupava o solio regio.

XXV

Perde a José tambem, que, em verde idade,
Aos Lusos dando altissima esperança,
Deixa a todos de si justa saudade,
E ind'hoje vive na geral lembrança.
Assim reserva a Eterna Potestade
Ao Infante João a regia herança;
A João, que do reino unido e inteiro
Veio a ser o monarca derradeiro.

XXVI

A Maria saudosa um morbo lento
A mente abate, e as forças lhe quebranta
João por ella ao leme acode attento,
Na procella cruel que se alevanta.
Do heroe da Gallia ao bellico hardimento
Oppõe tanto vigor, prudencia tanta,
Que se frustram ardis, planos astutos,
E da paz logra Lysia os doces fructos.

XXVII

Paz que, unindo-se ao Gallo o Rei Hispano
Com subida aggressão turbada fôra
Pelo feliz Godoy, que ostenta, ufano,
Titulo opposto á guerra assoladora.
Mas finda a lucta (com não leve damno)
Lysia respira, e, merá expectadora,
Vê gyrar da fortuna a varia roda,
E quási ardendo em guerra a Europa toda.

XXVIII

Mais de hum douto escriptor em varios ramos
Imita, iguala, Gregos, e Romanos:
Ao estudo, acudindo aos seus reclamos,
Se vota a flor dos moços Lusitanos.
D'alta sciencia que ao varão de Samos
Mais lustre deu que os mythicos arcanos,
Cunha penetra os adytos, e della
Toda a doutrina, lucido, revela.

XXIX

Modúla hum cysne altisono, entretanto.
Com mimo tal seus metricos concentos,
Que, como Lino e Orpheo, por mago encanto,
Magoas adoça, enleva os pensamentos.
Delille, no primor de hum doce canto,
E na expressão de brandos sentimentos,
Não ouse presumir que se avantage
Ao Luso Ovidio, ao inclyto Bocage.

XXX

Longe da patria, á patria, de contino,
Filinto os olhos volve, e em seu proveito
Do nobre engenho emprega o dom divino,
No sancto amor da patria acceso o peito.
He de sublime arrojo, em mais de hum hymno,
Qual Testi, ou qual Lebrun, typo perfeito:
Ou narre, ou pinte, ou louve, ou vitupere,
Ninguem levar-lhe a palma, hardido, espere.

XXXI

No reino, ao mesmo tempo, a industria activa
Favorecida, mais e mais se apura;
Entre os jovens do estudo o ardor se aviva,
Cresce a riqueza, e a publica ventura.
As lettras Araujo ama, e cultiva,
Sousa as protege, e com ardor procura
Que, a exemplo de Albion, Germania, e Gallia,
Nellas Lysia não ceda á Grecia, á Italia.

XXXII

«Dita flórida sim, mas dita breve»
Subito o Gallo invade a Lusa terra,
Porque céga ambição contente e ceve,
Embora á custa de aleivosa guerra.
João, que a tanto risco expor não deve
A prole, e a genitriz, eis se desterra,
Asylo vai buscar n'outro hemispherio,
E ás bazes lança de futuro imperio.

XXXIII

Da Santa Cruz no solo assenta o throno:
Sobe o Brazil illustre a mór alteza:
Esclarecido principe, e patrono,
Delle promove a solida grandeza.
Ao Corso não valera astucia, entono;
Colher não póde a cubiçada preza:
Raivoso freme, e, com ferina sanha,
O reino assola em triplice campanha.

XXXIV

Não desmaias, ó Luso, em tanto aperto,
Nem ao jugo odioso o collo inclinas:
Com valor singular, com sabio acerto,
A respeitar teu solo o Gallo ensinas.
Com Albion n'um intimo concerto,
Dás nobre exemplo ás gentes Iberinas:
Em vão para domar-te, eis vem do Sena,
Derrotado Junot, Soult, e Massena.

XXXV

Depois que, defendendo a grão Lisboa,
Do vencedor d'Esling o fasto abates,
Desde as margens do Tejo ao Bidassoa,
Sustentas, bravo, innumeros combates.
Sempre que o cavo bronze horrendo troa,
A furia Franca intrepido rebates:
Burgos só te constrange, altiva e forte,
A provar o rigor de iniqua sorte.

XXXVI

Mas prospera de novo, e então constante,
Torna fortuna a militar comtigo:
O Gallo encalças, com feroz semblante,
Buscando os lances de maior perigo.
Marchas, sempre luctando, e sempre ávante,
Ajudando a livrar o solo amigo:
De ignivomos canhões estrondo crebro
'Sparge em torno o terror nas margens do Ebro.

XXXVII

Em Victoria, após lucta porfiada,
Ao Luso e Anglo valor cedem vencidas
Em campal, celeberrima, jornada,
De Bonaparte as tropas aguerridas.
Jourdan vedar não pode a hostil entrada
Em França ás tropas das nações unidas:
Em vão se tenta á triumphal carreira,
Nos Pyreneos, no Nive, oppor barreira.

XXXVIII

Rompe toda a barreira em breve espaço
O vencedor exercito: renova
Cada dia a peleja: abrem-lhe o passo
Tenaz denodo, e feitos de alta prova.
Em Orthez se assignala o Luso braço:
Os Bourbons alvoroça alegre nova:
Já tremola em Bordeos, com fausto agouro,
O candido pendão dos lizes de ouro.

XXXIX

Agradeça Luiz, inda exilado,
Aos Anglo-Lusos o felice evento;
Que á sua causa foi por elles dado
Nas margens do Garonna, impulso e alento:
Mas inda estava aos Lusos reservado
Hum novo esforço, hum novo vencimento:
A bandeira das Quinas gloriosa
Eis ondeia nos campos de Tolosa.

XL

Soult, o bravo caudilho, embalde emprega
Os recursos do genio, os da bravura:
De Bonaparte á causa o ceo denega
Todo o favor, e pristina ventura.
Em troco de hum imperio, a Europa entrega
Ao grande heroe vencido (altiva e dura
Depois que da ambição lhe açaima a furia)
Hum quasi ignoto ilheo no mar da Etruria.

XLI

Após tanta fadiga, acções tão bellas,
Volvei, ao som d'applausos e cantares,
C'roados de immortaes laureas capellas,
Dignos filhos da patria, aos patrios lares!
Ella em carmes procure, em bronze, em telas,
Dar brilho eterno os feitos singulares,
Com que igualado haveis nas lides feras
O Luso alto valor de antigas eras.

XLII

Mas não permitta o ceo, que a Lusa gente
Tanto por patrio amor se offusque e cegue,
Que á inclyta Albion, feliz, potente,
De justa gratidão tributo negue!
Louvor ao capitão sabio, e valente,
Sob o qual tanta gloria assim consegue!
Louvor ao grande heroe—terror do Corso—
Prodigio de conselho, e marcio esforço!

XLIII

De Beresford o nome aos Lusos caro
Ha de sempre soar: inda hoje ensina
Do caudilho Britanno o exemplo raro,
Em Portugal, a marcia disciplina.
Wellington immortal desluz preclaro
A prisca fama hellenica, e latina,
Deixando unida, em perennal memoria,
Á gloria d'Albion a Lusa gloria!

XLIV

Igual quinhão na gloria então ganhada,
Nas marcias lides, cabe á nobre Hespanha:
Com enorme poder embora a invada
O Gallo; embora empregue esforço e manha:
Ao ver como, na lucta porfiada,
Ella, intrepida, arrosta a furia estranha,
E não curva a cerviz, se alenta, e folga,
Mais de hum povo, e de hum rei, do Tejo ao Volga.

XLV

Qual fôra, mãi de heroes na idade antiga,
Mãi se ostenta de heroes na nossa idade,
Quando a malicia perfida castiga,
Que lhe roubara o rei, e a liberdade.
Do continuo luctar não se fatiga.
Á viuvez, á misera orphandade,
Paes, e esposos, vingando, o pranto enxuga,
Ás aguias susta o vôo, e as põe em fuga.

XLVI

Nas margens do Danubio eis se convoca,
Regulador da paz, congresso augusto:
Reinos divide, tira, entrega, ou troca;
Oppostas pertenções compõe a custo.
Mais de hum queixoso clama, o jus invoca,
E accusa o tribunal de pouco justo;
Mas ao menos lugar não se recusa
Entre as grandes nações á nação Lusa.

XLVII

Erguem da patria em prol nesta assembleia,
Tres ministros de Lysia a voz facunda:
Tal o Luso na paz brilha, e campeia,
Qual brilhara na guerra furibunda.
Déra a dois desses tres berço Ulysseia,
Em illustres varões sempre fecunda;
Deu sepultura a dois—Saldanha e Sousa—
Cobre os restos de Lobo estranha lousa.—

XLVIII

Cinge o Sexto João do imperio avito,
Morta Maria, a triplice corôa,
Quando, após o geral, feroz conflicto,
Os canticos da paz a Europa entôa:
Mas não regressa ao Tejo o Luso Tito,
E nas margens do Douro um brado sôa,
Que novas leis proclama, e, altivo e ovante,
Retumba álem do mar do Mauro Atlante.

XLIX

O universal clamor, benigno, escuta
O desejado Rei, e á patria volve:
Mas o horizonte mais e mais se enlucta,
Erinnys sacros vinculos dissolve.
Vejo irmãos contra irmãos, que em féra lucta
Civil discordia miseros envolve!
Persegue o Luso ao Luso, a fogo e ferro...
A taes scenas, afflicto, os olhos cerro.

CANTO VI

I

Gravastes, Lusos Jovens, na memoria
De nossos Reis a serie em Lusa rima:
Mais de hum heroe, que lhes esmalta a gloria,
Com seu exemplo vosso esforço anima:
Nomes agora ouvi, que a nossa historia
Grata folga lembrar com justa estima.
De Portugal as inclytas Rainhas
Lustre darão por fim ás trovas minhas.

II

Prole do Sexto Affonso—Soberano
Potente, e vencedor, no solo Ibero,
De cujo zelo e esforço sobrehumano
Devera ser cantor hum novo Homero—
Thereza deu ao povo Lusitano
O seu primeiro Rei. Vulgo severo
Embora indicios note, ou provas busque
Com que da sua fama a gloria offusque:

III

Imparcial, a historia nos presenta
Digna de hum throno a Iberica Princeza:
Fiel esposa, ao bem geral attenta,
Modelo de constancia, e fortaleza.
Viuva, vivo, e incolume, sustenta
O brilho, e o jus, da gente Portugueza.
Só a mancha ambição: com pena amarga,
As redeas do governo ao filho larga.

IV

Do fundador da Lusa monarquia
He consorte feliz gentil Mafalda,
Que bem aqui de encomios merecia
Em doces versos flórida grinalda.
Seus meritos a fama aos ceos erguia;
Expectação tão alta se não balda:
Salve, prole Sabauda! Astro benino
Fulge em Lysia ao asceta, ao peregrino!

V

De fé sincera, em obras abundante
(Que viva esteril fé melhor mil vezes)
Propicia ao cenobita, ao viandante,
Dá prova, e santo exemplo, aos Portuguezes.
Ainda agora, em tempo tão distante,
Recordam Guimarães e Canavezes,
Huma, do nobre claustro o beneficio,
Outra, a ponte alterosa, e o sacro hospicio.

VI

A DULCE ou ALDONÇA, Catalã Princeza,
Para esposa de Sancho o ceo destina:
Nella, a par da mais flórida belleza,
Brilhar se vê virtude peregrina.
Soccorrer, meiga, a misera pobreza,
Implorar sempre a protecção divina,
Em fera crise, em placido socego,
He da vida de DULCE o doce emprego.

VII

Ramo illustre do tronco de Castella,
Desposa URRACA o Luso Rei terceiro:
Tanto a esposa he leal, piedosa, e bella,
Quanto o consorte he intrepido, e guerreiro.
Do seraphim de Assis, que ardente anhela
Por conquistar a Christo o mundo inteiro,
Hospicio aos filhos dá. Serena e forte,
Prevista a fatal hora, encara a morte.

VIII

Tem jus á compaixão, tem jus á estima
Princeza, rica, meiga, honesta, e bella,
Que hum Lusitano Infante acolhe, e amima,
E por servi-lo em tudo se desvela:
Quando, ditoso, ao throno se sublima,
Affonso as leis mais sanctas atropella...
Nada aproveita á misera Mathilde
Ternura, o sacro laço, o rogo humilde.

IX

Do Quinto Rei do povo Lusitano
Brites segunda esposa, exemplo raro
He de amor filial. Se alheio engano
Cumplice a faz de injusto desamparo,
Deplorando comsigo o crime, e o damno,
Dos orfãos de Ulysseia he doce amparo;
E deixa, usando assim de seus thesouros,
Illustre nome aos seculos vindouros.

X

Salve, Isabel, que ao throno Lusitano,
Esposa de Diniz, dás mais fulgores:
Em vão tenta exercer para teu damno
Negro genio do mal os seus furores:
Descobre o justo ceo hum torpe engano,
Convertendo alvos pães em frescas flores:
A virtude triumpha, espuma e brame
A vencida calumnia, atroz, e infame.

XI

Termo outrora puzeste ás feras iras
Entre o rebelde Principe invejoso,
E o Rei, esposo teu, que armar-se viras
Para o filho punir, com causa iroso:
Anjo de paz, os animos uniras,
Influxo agora tens mais poderoso;
Agrilhoado o monstro da discordia,
Faz entre nós reinar firme concordia!

XII

Do Bravo Affonso esposa, ao desvalido
Brites consagra maternal affecto:
Afouto o pobre a implora, he socorrido;
Sempre acha nella compassivo aspecto.
Soberana feliz! que vê cumprido
Seu desejo, vencida a fera Alecto,
Quando com modo emprega austero, e brando,
Rainha, esposa, e mãi, o rogo, e o mando.

XIII

Hum nome agora aqui citar coubera
(Que excita compaixão, e hum doce affecto)
O de Ignez, a quem Pedro hum sceptro déra,
Se ella de sanha atroz não fôra objecto!
Se menos formosura ella tivera,
Se ao Principe a escondera hum pobre tecto,
Não lhe houveram (da inveja infando effeito!)
Tres buidos punhaes rasgado o peito.

XIV

Fôra adorada... amou... vira-se erguida,
Por hymeneo excelso, á mór altura:
Dita fallaz, em breve convertida
Em lastimosa, extrema, desventura!
Mas se n'hum throno não se assenta em vida,
Abriu-se, á voz de PEDRO, a sepultura,
Que seus restos mortaes cerrados tinha,
E «Despois de ser morta foi Rainha.»

XV

A Fernando desaire, á patria damno,
LEONOR Telles sobe ao regio thoro:
Fatal belleza, accende affecto insano,
Brilha qual fulge infausto meteoro.
Telles, vencido o fraco soberano,
Chama, calcando as leis, e o seu decoro,
Sobre o reino infeliz do crime a pena,
Qual sobre Troia, e Grecia, a Argiva Helena.

XVI

FILIPPA de Lencastre em cujas veias
Gyra de inclytos Reis sangue Britanno,
Pizas do Douro as rubidas areias,
Depois que cede ao Luso o povo Hispano.
De todos o respeito e amor grangeias,
E inda hoje te proclama o Lusitano
Do Primeiro João consorte dina,
«Mãi de prole em valor quasi divina.»

XVII

Ditosa em vida, mais ditosa ainda
Na do curso terrestre hora postrema,
Em que a mente que mais ao ceo se guinda
He forçoso que emfim vacille, e tema!
MARIA a ti se mostra, e diz: «Bemvinda
Sejas dos justos á mansão suprema.»
Fallando assim, com maternal sorriso,
Meiga, te aponta aberto o Paraiso.

XVIII

Se, como Rei, DUARTE he desditoso,
Logra ao menos domestica ventura,
Que esposa o ceo lhe dera, generoso,
De raro siso, engenho, e formosura.
LEONOR chora em breve o claro esposo
Roubado ao reino, e á conjugal ternura,
E após desgosto acerbo, e grave queixa,
Larga a tutela, e, triste, os Lusos deixa.

XIX

Do Quinto AFFONSO a esposa, a cara filha
Do Infante Pedro, lagrymas derrama
Para seu pai salvar, em vão se humilha,
Em vão tenta frustar iniqua trama.
Constante da virtude a senda trilha
ISABEL; em seu peito a dor açama,
E do aurifero Tejo ás margens ergue
Para ascetas Christãos sagrado alvergue.

XX

Em Leonor, do Principe Perfeito
Esposa digna, angelica princeza,
De nobres prendas rica a mente, e o peito,
He o menor dote a fulgida belleza.
Sente do zelo seu ind'hoje o effeito
O pobre, a quem faltou (brutal fereza!)
Nos annos infantis, em proprio ninho,
Paterno amparo, e maternal carinho.

XXI

De caridade ardente, e sempre activa,
Que de continuo o coração lhe abrasa,
São aos posteros prova decisiva
As Thermas de seu nome, e a Sancta Casa.
Em Leonor a devoção mais viva
Com prudencia, e vigor, tão bem se casa,
Que Manoel, a Iberia demandando,
Quer que exerça em seu nome o regio mando.

XXII

Isabel, que perdera, em florea idade,
O desgraçado Affonso, o terno esposo,
Sobe do throno á summa dignidade,
A que a chama o Monarcha Venturoso.
Sorte fatal da pobre humanidade!
Da nova dita sua he breve o goso;
Ao dar á Hespanha inteira hum regio herdeiro,
Chega da vida ao termo derradeiro.

XXIII

Estirpe Aragoneza e de Castella,
Maria ao Luso Rei Afortunado
Se une, mortal Isabel, não menos que ella
Digna desse a que sobe excelso estado.
Fecunda mãi de prole illustre e bella,
De virtudes Christans vivo treslado,
Quando he mais venturosa, e mais querida,
Após parto infeliz lhe foge a vida.

XXIV

De Manoel consorte derradeira,
Ás mais igual nos dotes soberanos,
He Leonor, que da mortal carreira
O vê chegar ao termo em breves annos.
Do Rei da Gallia esposa, sobranceira
Ao desamor se mostra, e aos desenganos;
E exhala, sem temer o fim postremo,
Hispana, em solo Hispano, o arranco extremo.

XXV

Da augusta esposa de João Terceiro
Verace historia os meritos pregôa:
Vê victima da morte o filho herdeiro
Da gloria antiga, e da paterna c'rôa;
Com animo esforçado, e rosto inteiro,
Reprime a viva dor. Faro e Lisboa
De Catharina ao zelo (ao mundo exemplo)
Devem pias mercês, cenobio e templo.

XXVI

Consiga embora seu maligno intuito
Quem tramas folga urdir, quem as protege:
Ninguem que probidade estime em muito
De astuto enredador a dita inveje.
Pouco tempo inda mal! com siso e fruito
De seu siso, a Princeza os Lusos rege,
Do Neto em nome; como outrora Branca
No do Filho regera a nação Franca.

XXVII

Ducal grandeza herdada em pouco estima
Luiza de Gusmão, que a mor fastigio
Com jus aspira, que, altaneira, anima
O Bragantino Duque ao grão litigio:
Após que o povo ao solio ambos sublima,
A defende-lo ajuda, e o seu prestigio
Exerce em prol geral, nobre Princeza,
Exemplar de prudencia, e de firmeza.

XXVIII

Do crepe vidual coberta a coma,
Morto o Quarto João seu caro esposo,
Do reino em guerra envolto as redeas toma,
E o salva em mais de hum trance perigoso.
Nunca matronas teve Esparta, ou Roma,
De peito mais altivo e valoroso:
Por fim, sem que do claustro a vida a enoje,
Calca as pompas do mundo, e ao mundo foge.

XXIX

Francisca de Nemours, rompendo o laço
Que ao Sexto inerte Affonso unido a tinha,
Troca por cella angusta o regio paço,
Onde doce união nem sempre aninha:
Rogada, o claustro deixa, em breve espaço,
De Pedro esposa, que a buscá-la vinha;
Mas em parte o consorcio se mallogra,
Que dar herdeiro ao throno ella não logra.

XXX

Pedro Segundo, a quem cruel destino,
Após a esposa cara, a filha tolhe,
No Neoburgense ramo Palatino
Nova consorte, venturoso, escolhe.
Influxo em tal escolha houve divino,
E della o Luso povo os fructos colhe.
Caridosa, fecunda, em tudo egregia,
Sophia adita o Rei, o Reino, e a Regia.

XXXI

De sangue imperial gentil Princeza
Do Magnanimo Rei se assenta ao lado,
E, firme, e sabia, a gente Portugueza
Rege mais de huma vez, por seu mandado.
Não esquece jámais, na summa alteza,
Do pobre a triste sorte, e o bem do Estado.
De Marianna d'Austria o nome e a gloria
Vivem, e hão de viver, na Lusa historia.

XXXII

Ao martyr do sigillo, heroe de Praga,
Hum templo erige, e o culto seu promove:
Quanto lhe he dado, a devoção propaga,
Honra a virtude, o escandalo remove.
Chama, dota, protege, anima, afaga
(Para que do Carmelo aqui renove
Prisco zelo, fervor, longa vigilia)
Piedosa Teutonica familia.

XXXIII

Ao Rei Reformador formosa, e pia,
Esposa o Ceo concede, aos Lusos cara,
Que no terror que todos opprimia
Mostra, em risco geral, firmeza rara.
Marianna Victoria em Deos confia;
Elle a guarda: ella, grata, o pobre ampara,
E ao Calabrez Francisco portentoso,
Devota, erige templo magestoso.

XXXIV

Carlota de Bourbon, progenie Hispana,
O Luso Infante por esposa houvera,
Que depois sobre a gente Lusitana,
Sexto João, com brando sceptro impera.
O bando popular quanto se engana,
Se com rosto minaz domá-la espera!
Em vão manda intimar-lhe hum triste encerro,
E os desconfortos de final desterro.

XXXV

Curvar seu collo a intrepida Princeza,
Tenaz em seu proposito, recusa:
Nella se ostenta a imagem da firmeza,
Tal como a pinta o Vate de Venusa:
Mas hum lanço de tanta fortaleza
Civis luctas recorda á gente Lusa...
Corro um véo sobre quadro tão medonho,
E ao já longo meu canto um termo eu ponho.

XXXVI

Ponho-lhe termo, e o coração levanto
A Deos, ao Rei dos Reis, que humilde adoro:
Delle o favor superno, o auxilio santo,
Erguendo a debil voz, submisso imploro.
Verteu-se tanto sangue, e tanto pranto,
Nas discordias civis, que eu calo, e choro...
Agora a paz, fecunda em dons, em mimos,
Brote em Lysia, quaes soe, fructos opimos!

XXXVII

Vós, nova geração, que inda os effeitos
Sentindo estaes das luctas intestinas,
Escutai sempre, á Lei, e ao Rei, sujeitos,
Do Evangelho de Christo as sans doutrinas.
Avivar procurai, com nobres feitos,
O pristino fulgor das Santas Quinas;
E no seio da paz, por igual sorte,
Tende o publico bem por fixo norte!

NOTA DA PAGINA 78

(1) Como muitos não admittem a existencia da conspiração indicada nesta oitava, a esses taes o auctor offerece a seguinte substituição:

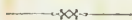
Nocturno assalto a preciosa vida
Do Lusitano Rei põe em perigo,
Que, contra a furia barbara homicida,
Na protecção celeste encontra abrigo.
Se o crime ha sido trama regicida,
Se de todos os reos justo o castigo,
Problemas são: a critica sensata,
Inda hoje, perplexa, os não desata.

INDICE ALPHABETICO

DOS

NOMES PROPRIOS

N. B. O numero romano denota o Canto; o algarismo que se lhe segue, a oitava. Ainda que o mesmo nome proprio se ache em mais de huma oitava, ordinariamente só se cita a primeira em que se encontra. N. significa nasceu; A. foi acclamado, ou subiu ao throno; F. falleceu.

A

ACHEM. III. 28. Cidade da Ilha de Sumatra, na Oceania.
AFFONSO (o SEXTO). I. 18. Imperador de Hespanha, sogro do Conde D. Henrique, tronco dos Senhores Reis de Portugal.
AFFONSO. I. 20. O Senhor D. Affonso Henriques, 1.º Rei de Portugal. N. segundo a opinião mais seguida, em 1109. Tomou posse do governo em 1128, e foi acclamado Rei, conforme o parecer da maior parte dos historiadores, em 1139.

AFFONSO. I. 36. O Senhor D. Affonso II, 3.º Rei de Portugal. N. 1185. A. 1211. F. 1223.
AFFONSO. I. 46. O Senhor D. Affonso III, 5.º Rei. N. 1210? tomou posse do governo em 1246. A. 1248. F. 1279.
AFFONSO. I. 56. O Senhor D. Affonso IV, 7.º Rei. N. 1291. A. 1325. F. 1357.
AFFONSO. II. 17 e 21. O Senhor D. Affonso V, 12.º Rei. N. 1432. A. 1438. F. 1481.
AFFONSO. IV. 19. O Senhor D. Affonso VI, 22.º Rei. N. 1643. A. 1656. F. 1683.
AFFONSO. II. 33. O Principe D. Affonso, filho d'El-Rei D. João II.
AFRICA. I. 17. Huma das cinco partes do mundo.
AGAR. I. 47. Escrava, e depois mulher do patriarcha Abraham.
AGARENO. I. 22. Toma-se por synonymo de Arabe. Mouro.
AJACE. IV. 25. O mesmo que Ajaz (o Telamonio) depois de Achilles, o mais valente dos Principes Gregos confederados contra a cidade de Troia.
ALANOS. I. 10. Povo de origem Scythica, que invadio as terras do imperio Romano, e entre ellas a Hespanha.
ALBION. V. 31. O mesmo que Inglaterra.
ALBUQUERQUE. II. 40. Affonso de Albuquerque, segundo Vice-Rei da India, celeberrimo pelas suas victorias e conquistas.
ALBUQUERQUE. IV. 12. Mathias de Albuquerque, Governador das armas do Alemtejo nos principios da guerra da acclamação.
ALCACER. III. 31. Alcacer-Quibir, cidade de Africa no reino de Fez.
ALCACER DO SAL. I. 38. Villa de Portugal na Estremadura.
ALCEU. I. 53. Poeta Lyrico Grego.
ALCIDES. I. 60. O mesmo que Hercules, semideos da fabula.
ALCUINO. V. 23. Sabio Inglez, do seculo oitavo, fundador de varias escholas, sob os auspicios de Carlos Magno.
ALDONÇA. V. Dulce.

ALGARVE. I. 34. Provincia de Portugal, com o titulo de reino.
ALJUBARROTA. II. 3. Villa de Portugal na Estremadura.
ALMADA. II. 5. Antão Vasques d'Almada, General que muito se distinguio na batalha de Aljubarrota.
ALMADA. II. 18. Alvaro Vasques d'Almada, Conde de Abranches em França, que morreu no combate da Alfarrobeira, pelejando a favor do Infante D. Pedro.
ALMADA. IV. 7. D. Antão de Almada, hum dos quarenta fidalgos acclamadores do Senhor D. João IV, e em cuja casa se reuniram os conjurados.
ALMEDINA. II. 45. Cidade de Africa, no imperio de Marrocos.
ALMEIDA. II. 26. D. Duarte de Almeida, que não largou o estandarte real na batalha de Toro, senão depois de lhe cortarem os braços.
ALMEIDA. IV. 7. D. Miguel de Almeida, hum dos quarenta fidalgos acclamadores do Senhor D. João IV.
ALMEIDA. V. 23. O P.e Theodoro d'Almeida, auctor da obra intitulada *Recreação Philosophica*, etc.
ALMEIDAS. II. 39. Hum d'elles he D. Francisco, outro D. Lourenço seu filho; o primeiro dos quaes foi Vice-Rei da India, e ambos immortaes pelo seu heroico valor.
AMEIXIAL. IV. 22. Campos do Ameixial no Alemtejo, onde o Conde de Villa Flor, D. Sancho Manoel, venceu o exercito Castelhano, commandado por D. João d'Austria.
ANDEIRO. II. 2. João Fernandes Andeiro, Conde de Ourem, valido da Rainha D. Leonor, viuva do Senhor Rei D. Fernando.
ANDRADE. III. 48. Jacintho Freire de Andrade, distincto classico portuguez, que escreveu a vida de D. João de Castro.
ANGLO. IV. 17. O mesmo que Inglez.
ANGOLA. IV. 16. Estado de Africa, na Negricia meridional.
ANSELMO. V. 23. S. Anselmo, Arcebispo de Cantuaria, celebre theologo, e philosopho do seculo undecimo.

Antonio. I. 41. Santo Antonio de Lisboa, o thaumaturgo Portuguez.
Antonio. III. 39. O Senhor D. Antonio, Prior do Crato, hum dos pertendentes á corôa de Portugal, por morte do Cardeal Rei.
Aonia. IV. 21. Lympha Aonia, he a agoa da fonte Aganippe, consagrada ás Musas, e que ficava na Aonia, parte montanhosa da Beocia.
Apollo. I. 1. Hum dos grandes deoses da mythologia grega. Presidia ás letras, e especialmente á poesia.
Arabio. I. 14. O mesmo que Arabe: toma-se aqui pelo falso propheta Mafoma.
Araujo. V. 31. Antonio de Araujo de Azevedo, que veio a ser Conde da Barca, illustrado ministro do Senhor D. João VI, quando Principe Regente.
Aregas. IV. 8. João de Aregas, ou das Regras, jurisconsulto, que muito concorreu para o Senhor D. João I ser elevado ao throno.
Argiva. VI. 15. Natural de Argos, antigo reino da Grecia.
Argos. II. 9. Navio em que Jasão foi á conquista do véllo de ouro.
Ario. I. 13. Heresiarcha do 4.º seculo da Igreja, que negava a divindade de Jesus Christo.
Arronches. I. 30. Villa da provincia do Alemtejo.
Arzilla. II. 21. Cidade de Africa, no reino de Fez.
Asia. III. 5. Huma das cinco partes do mundo.
Asopo. V. 14. Rio da Beocia.
Assiz. VI. 7. Cidade de Italia nos Estados do Papa. Por Seraphim de Assiz, entende-se S. Francisco, fundador da Ordem dos Frades Menores.
Assyria. III. 45. Vasto imperio da Asia na antiguidade.
Asturias. I. 15. Provincia de Hespanha, berço da Monarquia Hespanhola.
Athenas. I. 53. Celebre cidade da Grecia, antigo emporio das lettras, e das bellas artes.

Atlante. V. 48. Rei da Mauritania, que, segundo a fabula, deu o seu nome ao monte Atlas, e ao mar Atlantico.

Atouguia. III. 28. D. Luiz de Athaide, Conde de Atouguia, duas vezes Vice-Rei da India, e nella restaurador da gloria Portugueza.

Attalicos (thesouros). V. 6. Houve tres Reis de Pergamo chamados Attalos, cujas riquezas se tornaram proverbiaes.

Augusto. III. 8. O Imperador Octaviano. Aqui toma-se por Soberano.

Ausonia. IV. 21. O mesmo que Italia.

Ausonio (cisne). IV. 18. O grande poeta Virgilio.

Austria. IV. 28. Neste lugar se allude ao Archi-Duque de Austria Carlos, que pertendeu succeder na corôa de Hespanha por morte de D. Carlos II.

Aviz. II. 1. Aviz, villa do Alemtejo, séde da ordem militar de S. Bento. Por Mestre de Aviz entende-se aqui o Senhor D. João, depois Rei, o 1.º deste nome.

Azambuja. III. 33. Fr. Jeronymo da Azambuja, religioso Dominico, insigne theologo e escripturario.

Azamor. II. 45. Cidade de Africa, no imperio de Marrocos.

Badajoz. I. 25. Cidade de Hespanha, na fronteira de Portugal, nas margens do Guadiana.

Barreto. IV. 14. Francisco Barreto de Menezes, hum dos generaes que mais se distinguiram no Brazil contra os Hollandezes.

Batavo. III. 43. O mesmo que Hollandez.

Beatriz. II. 1. Rainha de Castella, filha do Senhor Rei D. Fernando de Portugal, e que como tal pertendeu a corôa por morte do Senhor D. Pedro I.

BEDA. V. 23. Cognominado o *Veneravel*, sabio Inglez, que floreceu no oitavo seculo, e foi mestre de Alcuino.
BELGAS. III. 44. Habitantes da Belgica. Poeticamente, fallando com menos propriedade, confundem-se ás vezes com *Batavos* ou Hollandezes.
BERESFORD. V. 43. O Marquez de Campo Maior, valente General inglez, e habilissimo disciplinador do Exercito Portuguez, de que foi Marechal General.
BERNARDES. III. 18. Diogo Bernardes, poeta pastoril, muito suave.
BERNARDES. IV. 34. O P.e Manoel Bernardes, da Congregação do Oratorio; zeloso pregador, e escriptor ascetico de muita uncção e elegancia.
BERNARDO. I. 23. S. Bernardo, reformador da ordem de Cister, contemporaneo do Sr. Rei D. Affonso Henriques.
BERULLE. IV. 33. O Cardeal Bérulle, que estabeleceu em França a Congregação do Oratorio.
BETICAS (CAMPINAS). I. 32. O mesmo que da Andaluzia.
BIDASSOA. V. 35. Rio que separa a Hespanha da França.
BOCAGE. V. 29. Manoel Maria Barbosa do Bocage, illustre poeta, dos fins do seculo passado, e principios do actual.
BOILEAU. V. 14. Poeta critico francez do seculo de Luiz XIV.
BOJADOR. II. 11. Cabo na costa occidental de Africa.
BOLONHEZ (AFFONSO O). I. 46. V. Affonso III. Este Monarcha foi chamado *Bolonhez*, por ter sido casado com Mathilde, Condessa de Bolonha em França.
BONAPARTE. IV. 40. O mesmo que Napoleão I, o maior guerreiro e conquistador dos tempos modernos.
BONAPARTE. V. 37. José Bonaparte, Rei intruso de Hespanha, irmão do Imperador Napoleão.
BORBA. II. 31. O Conde de Borba, D. Vasco Coutinho, celebre pelo seu valor nas guerras de Africa.
BORDEOS. V. 38. Cidade de França, capital do departamento da Gironda.
BORGONHEZ. I. 18. Natural de Borgonha, antiga provincia de França.

BOURBONS. V. 38. Dynastia real de França, restaurada no throno daquella monarquia em 1814.
BOURBONICO (PACTO). V. 11. O chamado *Pacto de Familia*, celebrado entre os Soberanos da Casa de Bourbon, para se opporem á preponderancia maritima da Gran-Bretanha.
BRACCHARENSE GREI. I. 23. Os fieis do Arcebispado de Braga, Sé Primacial das Hespanhas.
BRACCHARENSE. I. 40. Allude-se neste lugar ao Arcebispo de Braga D. Estevam Soares da Silva.
BRAGANÇA. II. 29. «Hum Bragança infeliz.» O Duque D. Fernando, decapitado em Evora, como conspirador.
BRAGANÇA (ESTIRPE DE). IV. 8. A augusta Dynastia felizmente reinante em Portugal.
BRANCA. VI. 26. A Rainha de França, Branca de Castella, mãi de S. Luiz, e regente na minoridade de seu filho, e depois durante as expedições daquelle Monarcha.
BRANDÃO. III. 48. Fr. Antonio Brandão, Chronista do Reino, que escreveu a 3.ª e a 4.ª parte da *Monarquia Lusitana*.
BRAZIL. IV. 14. Vastissimo continente da America Meridional, hoje imperio.
BRITANNO. V. 43. O mesmo que Inglez.
BRITES. I. 48 e V. 9. A Senhora D. Brites, 2.ª mulher do Senhor Rei D. Affonso III.
BRITES. V. 12. A Senhora D. Brites, mulher do Senhor Rei D. Affonso IV.
BRITO. III. 48. Frei Bernardo de Brito, Chronista do Reino, auctor da 1.ª e 2.ª parte da historia de Portugal, intitulada *Monarquia Lusitana*.
BRITO. IV. 31. O Beato João de Brito, Jesuita, martyr na India; beatificado em 1854.
BURGOS. V. 35. Cidade de Hespanha, capital da Castella Velha.

C

Cabraes. III. 9. Allude-se nesta estancia a Jorge Cabral, Governador da India.
Cabral. II. 11. Gonçalo Velho Cabral, descubridor da Ilha de S. Maria, huma das Açores.
Cabral. II. 42. Pedro Alvares Cabral, descubridor do Brazil.
Cafres. III. 21. Habitantes da Cafraria, vasta região da Africa Austral.
Calvino. III. 33. João Calvino, heresiarcha, chefe dos pretensos reformados da França, de Genebra, etc.
Camarão. IV. 15. Valente official, que se distinguiu na guerra de Pernambuco contra os Hollandezes.
Camenas. V. 16. O mesmo que as Musas.
Çamice. II. 30. Grande povoação na Barbaria, fortissima pela sua posição em huma eminencia.
Camões. III. 36 e 41. Luiz de Camões, o principe dos poetas Portuguezes.
Canavezes. VI. 5. Villa na provincia do Minho.
Capitolio. I. 3. Templo e Cidadela de Roma antiga no monte Tarpeio.
Caracena. IV. 22. O Marquez de Caracena, que succedendo a D. João de Austria no commando do exercito Castelhano foi desbaratado pelo Marquez de Marialva em Montes Claros.
Carlos. IV. 5. O Archi-Duque Carlos de Austria, pertendente á corôa de Hespanha, por morte do Rei D. Carlos II.
Carlota. VI. 34. A Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa do Senhor Rei D. João VI.
Carmelo. VI. 32. Hoje Acre, monte da Syria, o qual deu o seu nome a huma Ordem de Eremitas, que reconhecem por seu patriarcha o propheta Elias.

Carthago. I. 3. Capital de huma republica na Africa, rival de Roma.
Carvalho. V. 12. Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, Marquez de Pombal, grande estadista, privado e ministro do Senhor Rei D. José.
Castalia. III. 11. Fonte, nas fraldas do Parnaso, consagrada ás Musas.
Castanheda. III. 13. Fernão Lopes de Castanheda, historiador do descobrimento, e conquista da India.
Castella. II. 23. Região de Hespanha, dividida em Castella Velha e Castella Nova. Ás vezes toma-se por toda a Hespanha.
Castello melhor. IV. 27. O Conde de Castello Melhor, Luiz de Sousa e Vasconcellos, habil ministro, celebre pela sua fidelidade ao Senhor Rei D. Affonso VI.
Castello rodrigo. IV. 22. Villa da Beira Baixa, junto da qual Pedro Jaques de Magalhães, derrotou os Hespanhoes na guerra da acclamação.
Castro. I. 56. D. Ignez de Castro, infeliz esposa do Principe D. Pedro, depois Rei de Portugal.
Castro. II. 26. D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, cavalleiro de extremado valor, que morreu no assalto de Arzilla.
Castro. III. 12. D. João de Castro, Vice-Rei da India, um dos grandes heroes Portuguezes.
Castro. III. 47. Gabriel Pereira de Castro, jurisconsulto, e poeta insigne, auctor do poema heroico intitulado: «*Ulysséa, ou Lisboa Edificada.*»
Castro. V. 18. Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, que deu o desenho para a estatua equestre do Senhor D. José I.
Catharina. III. 26 e VI. 25. A Senhora D. Catharina, esposa do Senhor Rei D. João III.
Catharina. III. 40. A Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, filha do Infante D. Duarte, e neta do Senhor Rei D. Manoel.

Ceuta. II. 6. Cidade de Africa, defronte de Gibraltar.
Chagas. IV. 35. Fr. Antonio das Chagas, Religioso Franciscano, fundador dos Conventos do Varatojo e de Brancanes, auctor de obras espirituaes muito estimadas.
Chaul. III. 28. Cidade da India.
Claraval. I. 23. Valle em França no departamento do Aube; onde houve um celebre Mosteiro de Bentos, de que S. Bernardo foi o primeiro Abbade.
Cochim. II. 40. Cidade da India, na costa do Malabar.
Cocles. I. 29. Publio Horacio Cocles, heroe dos primeiros tempos de Roma; que assignalou o seu destemor na ponte Sublicia, combatendo contra Porsena, rei dos Etruscos.
Cocyto. III. 49. Hum dos rios do inferno, segundo a fabula.
Codro. I. 29. Ultimo Rei dos Athenienses, que se sacrificou pelos seus, n'huma batalha contra os Dorios.
Colbert. V. 13. Celebre estadista francez, Ministro de Luiz XIV.
Congo. IV. 16. Reino da Africa, cujo rei he vassallo da corôa de Portugal.
Constança. I. 57. Dona Constança, primeira mulher do Infante D. Pedro, depois Rei de Portugal.
Constantino. III. 28. D. Constantino de Bragança, Vice-Rei da India, immortal por suas façanhas n'aquelle estado.
Corrêa. I. 45. D. Paio Peres Corrêa, mestre da Ordem de S. Thiago, esforçadissimo capitão, conquistador do Algarve.
Corrêa. IV. 16. Salvador Corrêa de Sá, valente cabo de guerra, que restaurou Angola do poder dos Hollandezes.
Corfú. V. 4. A mais importante das ilhas Jonias.
Corso. III. 3. Toma-se por Bonaparte, natural da ilha de Corsega.
Corte real. III. 20. Jeronymo Corte Real, epico Portuguez.

Costa. IV. 12. D. João da Costa, depois Conde de Soure, hum dos Generaes que ganharam a batalha de Montijo.
Costa. V. 18. Bartholomeu da Costa, engenheiro sob cuja direcção se fundiu a estatua equestre do Senhor Rei D. José.
Coutinho. II. 26. D. João Coutinho, Conde de Marialva, esforçadissimo cavalleiro, que morreu no assalto de Arzilla.
Coutinho. III. 28. D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, Vice-Rei da India.
Coutinho. IV. 11. D. Gastão Coutinho, General de Entre-Douro e Minho, que se distinguiu nos principios da guerra da acclamação.
Coutinhos. II. 39. Hum por nome D. Vasco, Conde de Borba, outro D. Fernando, ambos illustres guerreiros.
Couto. III. 48. Distincto historiador, que continuou as Décadas de João de Barros.
Cunhas. III. 9. Allude-se aqui a Nuno da Cunha, famoso governador da India.
Cunha. IV. 7. D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, hum dos quarenta acclamadores.
Cunha. V. 28. José Anastacio da Cunha, auctor de excellentes compendios de disciplinas mathematicas, em que foi insigne.

D

Danubio. V. 46. Grande rio da Europa, que banha Vienna da Austria.
Decio. I. 29. Publio Decio Mus, Capitão Romano, que se sacrificou pela patria em huma batalha contra os Latinos.
Dedaleo. (artificio) V. 18. Dedalo, segundo a mythologia, foi hum mechanico e estatuario atheniense, de quem se referem maravilhas.

DELILLE. V. 29. Poeta Francez, excellente traductor em verso das obras de Virgilio, e famoso mais que tudo pela doçura da sua metrificação.
DEMOSTHENES IV. 9. O mais eloquente dos oradores Gregos.
DESCARTES. V. 23. Sabio francez do seculo decimo septimo, e hum dos fundadores da philosophia moderna.
DIAS. II. 32. Bartholomeu Dias, o primeiro navegador que descubriu o Cabo, que elle denominou das *Tormentas*; nome que foi mudado no da *Boa Esperança* pelo Senhor Rei D. João II.
DINIZ. I. 53. O Senhor D. Diniz, 6.º Rei de Portugal. N. 1261. A. 1279. F. 1325.
DIRCE. III. 11. Fonte que corria perto da cidade de Thebas, na Grecia.
DIO. III. 22. Cidade da India Portugueza.
DOURO. V. 12. Rio de Hespanha e Portugal, bem conhecido.
DUARTE. II. 14. O Senhor D. Duarte, 11.º Rei de Portugal. N. 1391. A. 1433. F. 1438.
DULCE. VI. 6. Dona Dulce, esposa do Senhor Rei D. Sancho I.

E

EANNES. II. 11. Gil Eannes, navegador, que primeiro dobrou o Cabo Bojador.
EBRO. V. 36. Grande rio na Hespanha.
EDEN. II. 43. O mesmo que paraiso terreal. Eden em hebraico significa delicia.
ELPINO. V. 14. Nome arcadico do Dezembargador Antonio Diniz da Cruz, insigne poeta lyrico, e satyrico.
ELVAS. IV. 22. Cidade de Portugal, na Provincia do Alemtejo.
ERASMO. III. 16. Desiderio Erasmo, grande humanista hollandez, admirador de Gil Vicente.

Erinnys. V. 49. O mesmo que Furia; cujo principal mister era semear e promover discordias.
Escandinava (terra). I. 11. Região a que hoje corresponde a Suecia e Noruega.
Essling. V. 35. Cidade de Austria. O famigerado Marechal Massena, tão pouco feliz na sua campanha de Portugal, tivera o titulo de Principe de Essling, por haver contribuido para a victoria que Napoleão alli ganhara aos Austriacos.
Esparta. VI. 28. Antiga republica da Grecia.
Estagyrita. II. 50. O principe dos philosophos Gregos, Aristoteles, mestre de Alexandre Magno.
Estremadura. I. 22. Provincia de Portugal.
Estygios. (monstros) I. 42. Os demonios.
Etruria. V. 40. O mesmo que Toscana, Gran-Ducado da Italia. A ilha a que a oitava allude he a de Elba.
Euclides. III. 14. Famoso geometra Grego.
Euripides. III. 18. Insigne poeta tragico Grego.
Europa. V. 2. A mais nobre das cinco partes do mundo.
Euxino. II. 9. O Mar Negro.
Evora. I. 31. Cidade de Portugal, cabeceira da provincia do Alemtejo.

F

Fabio. I. 5. Quinto Fabio, Pro-Consul Romano, que concluiu com Viriato huma paz favoravel aos Lusitanos.
Faria. I. 64. Nuno Gonçalves de Faria, Alcaide Mór do Castello de Faria, nomeado pelo seu valor e fidelidade na guerra com Castella, reinando o Senhor Rei D. Fernando.
Faria. III. 48. Manoel Severim de Faria, douto antiquario, e escriptor politico elegante.
Faro. VI. 25. Cidade do Algarve.
Fernam lopes II. 31. O mais antigo chronista Portuguez.

FERNANDES. (MARTIM) I. 51. Valeroso capitão no reinado do Senhor D. Affonso III.
FERNANDO. I. 47. D. Fernando III, Rei de Castella e Leão, cognominado o *Santo*.
FERNANDO. I. 62. O Senhor D. Fernando I, 9.º Rei de Portugal. N. 1345. A. 1367. F. 1383.
FERNANDO. II. 14. O Infante D. Fernando, cognominado o *Santo*, filho do Senhor Rei D. João I; que morreu captivo dos mouros em Fez.
FERNANDO. (DE ARAGÃO) II. 23. Rei Catholico, marido da Rainha D. Isabel de Castella.
FERREIRA. III. 18. O Doutor Antonio Ferreira, celebre poeta Portuguez.
FIGUEIRÔA. IV. 15. Valeroso official na guerra contra os hollandezes em Pernambuco.
FILINTO. V. 30. Filinto Elysio, nome arcadico do insigne poeta Francisco Manoel do Nascimento.
FILIPPA DE LENCASTRE. VI. 16. Esposa do Senhor Rei D. João I.
FILIPPES. III. 45. Os tres Reis de Castella, que reinaram intrusamente em Portugal, desde 1580 até 1640; os quaes foram D. Filippe I, D. Filippe II, e D. Filippe III.
FLACCO. III. 18. Quinto Horacio Flacco, famoso poeta Latino, lyrico e satyrico.
FLORA. I. 2. Deosa das flores e dos jardins.
FOREIRO. III. 33. Fr. Francisco Foreiro, insigne theologo da Ordem de S. Domingos.
FORTUNADAS (ILHAS). II. 43. Julga-se commummente ter-se dado este nome ás Canarias, situadas no oceano atlantico, muito celebres pela sua fertilidade.
FRANÇA. III. 39. Poderosa e florentissima região da Europa.
FRANCA. V. 35. O mesmo que Franceza.
FRANCISCA DE NEMOURS. VI. 29. D. Maria Francisca Isabel de Saboia e Nemours havia esposado o Senhor Rei D. Affonso VI. Depois, tendo sido julgado nullo o matrimonio que com elle contrahira, casou com o Prin-

cipe D. Pedro, que veio a reinar com o nome de D. Pedro II.

FRANCISCO. VI. 33. S. Francisco de Paula, nascido na Calabria, provincia do Reino de Napoles, fundador da Ordem dos Minimos.

FREITAS. I. 44. Martim de Freitas, Alcaide Mór de Coimbra, illustre pela sua inviolavel fidelidade ao Senhor Rei D. Sancho II.

FURTADO. III. 43. André Furtado de Mendonça, esforçado e habil Capitão, Governador da India, esclarecido por muitas façanhas.

G

GALLIA. V. 31. Toma-se por synonymo de França.

GALLIZA. IV. 11. Provincia de Hespanha, bem conhecida.

GALVÕES. III. 9. Indica-se n'este logar Antonio Galvão, Governador das Ilhas Molucas, famoso pelas muitas façanhas que obrou.

GAMA. II. 39. D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, o descubridor da India.

GANGES. II. 35. Rio da India muito celebrado.

GARÇÃO. V. 15. Pedro Antonio Corrêa Garção, poeta elegante, e de apurado gosto.

GARONNA. V. 39. Rio de França, em cujas margens está situada Bordeos.

GERMANIA. I. 11. Vasta região da Europa, a que hoje corresponde a Allemanha.

GERMANICO. I. 32. Como adjectivo gentilico significa o mesmo que Allemão.

GIRALDO. I. 31. Denodado guerreiro, por cognomento *Sem pavor*, que tomou Evora aos Mouros por entrepreza.

GOA. III. 28. Cidade capital da India Portugueza.

GODINHO. I. 23. O Beato Godinho, Arcebispo de Braga, contemporaneo do Senhor D. Affonso Henriques.

GODOS. I. 10. Povos do norte da Europa, que nos seculos 4.º e 5.º da era christã, invadiram as terras do imperio Romano.
GODOY. V. 27. D. Manoel Godoy, Principe da Paz, ministro e valido do Rei de Hespanha D. Carlos IV.
GONÇALO. I. 31. Esforçadissimo caudilho, cognominado o *Lidador*.
GOUVÊAS. III. 36. Hum foi Diogo de Gouvêa, outro Antonio de Gouvêa, ambos admirados e applaudidos em França pela sua grande erudição.
GRACCHOS (A MÃI DOS). IV. 4. Cornelia, filha de Scipião Africano; educou severamente seus filhos, e os esforçou nos lances mais perigosos.
GRECIA. III. 14. Região da Europa, muito celebre na antiguidade, pelo valor e illustração de seus habitadores.
GUIMARÃES. VI. 5. Cidade na provincia do Minho.
GUSMÃO. IV. 3. V. Luiza.

H

HAMET. III. 29. Muley Hamet, Rei de Marrocos, deposto do throno por seu tio Moluco.
HARO. IV. 23. D. Luiz de Haro, General Castelhano, derrotado por D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, na batalha das linhas d'Elvas.
HEBREU. III. 45. O povo Israelita.
HEITOR. III. 37. Fr. Heitor Pinto, monge de S. Jeronymo, elegante escriptor ascetico.
HELENA. V. 15. Mulher de Menelao, Rei de Esparta, roubada por Paris, Principe troiano; rapto que foi causa da guerra de Troia.
HELLENICA. II. 49. O mesmo que Grega.
HENRIQUE. I. 18. O Conde D. Henrique, tronco dos Senhores Reis de Portugal.
HENRIQUE. II. 7. O Infante D. Henrique, filho do Senhor

Rei D. João I; inclyto heroe, e motor dos descubrimentos maritimos.
Henrique. III. 38. O Senhor Cardeal D. Henrique, 17.º Rei de Portugal. N. 1512. A. 1578. F. 1580.
Henriques. V. Affonso Henriques.
Herculeo (marco). II. 11. As chamadas columnas de Hercules, isto he, os dois montes Abyla e Calpe.
Herminio (monte). I. 4. Serra da Estrella, na Beira Baixa.
Hespanha. II. 3. Nobilissima região da Europa.
Hesperia. I. 2. A derradeira Hesperia he a Hespanha, que tambem se chamava entre os Latinos *Hesperia menor,* em contraposição á *maior* ou *primeira,* isto he, á Italia.
Hipparco. II. 11. Mathematico e astronomo Grego, que floreceu seculo e meio antes da nossa era.
Hispalica. I. 51. Adjectivo formado de *Hispalis,* antigo nome da cidade de Sevilha.
Hispano. I. 3. O mesmo que Hespanhol.
Hollanda. IV. 13. Paiz do norte da Europa, hoje reino.
Homero. III. 14. O Principe dos poetas Gregos.
Honorio. I. 40. O Summo Pontifice, 3.º d'este nome.
Horta. III. 36. Garcia de Horta, medico que escreveu sobre as drogas da India.
Hortensia castro. II. 49. Publia Hortensia Castro, nobre donzella, muito instruida, que esteve ao serviço da Infanta D. Maria, filha do Senhor Rei D. Manuel, e defendeu conclusões theologicas e philosophicas, na presença do Cardeal Infante D. Henrique, e depois na de Filippe I, pelos quaes Principes foi devidamente galardoada.

I

Ibero. I. 13. Habitante da Ibéria, o mesmo que Hespanhol.
Ignez. I. 57. e VI. 13. V. Castro.
Ilisso. V. 14. Pequeno rio que corre junto de Athenas.

Indico imperio (o luso). II. 6. O conjuncto das conquistas feitas pelos heroes Portuguezes na India.
Isabel. VI. 10. Santa Isabel, esposa do Senhor Rei D. Diniz.
Isabel. VI. 19. D. Isabel, mulher do Senhor Rei D. Affonso V.
Isabel. VI. 22. D. Isabel, que tendo ficado viuva do Principe D. Affonso, filho do Senhor D. João II, casou com o Senhor Rei D. Manoel.
Ismael. II. 37. Filho do Patriarcha Abraham e de Agar, de quem os arabes pretendem descender.
Ismenia. II. 9. Lyra *Ismenia*, a de Pindaro, poeta natural de Thebas, cidade junto da qual corria o rio Ismeno.
Israel. II. 38. O mesmo que Jacob. *Prole de Israel,* os Judeos.
Istro. V. 11. V. Danubio.
Italia. I. 6. Celeberrima região da Europa.

J

Jafanapatam. III. 44. Peninsula na extremidade septentrional da ilha de Ceilão.
Jaques. IV. 21. Pedro Jaques de Magalhães, hum dos heroes da guerra da acclamação.
Jasões. II. 9. Allude-se n'esta oitava a Jasão, Principe da Thessalia, que esbulhado do throno paterno, foi na náo Argos á conquista do vello de ouro.
Jayme. II. 45. Dom Jayme, Duque de Bragança, que expiou com a tomada de Azamor o crime de ter dado a morte á Duqueza sua esposa, por meras suspeitas de que lhe houvesse sido infiel.
Joanna. II. 23. A Princeza D. Joanna, intitulada a *Excellente Senhora*, que devendo herdar a Coroa de Castella, e casar com o Senhor Rei D. Affonso V de Portugal, seu tio, veio a passar o resto de seus dias no Convento de Santa Clara em Santarem.

JOANNA. II. 23. A Infanta Beata Joanna, filha do Senhor Rei D. Affonso V.
JOÃO. I. 52. O Papa João XXI ou XXII, natural de Lisboa, conhecido antes do seu Pontificado pelo nome de Pedro Hispano.
JOÃO. II. 3. O Senhor D. João I, 10.º Rei de Portugal. N. 1357. A. 1385. F. 1433.
JOÃO. II. 27. O Senhor D. João II, 13.º Rei de Portugal. N. 1455. A. 1481. F. 1495.
JOÃO. III. 5. O Senhor D. João III, 15.º Rei de Portugal. N. 1502. A. 1521. F. 1557.
JOÃO. IV. 1. O Senhor D. João IV, 21.º Rei de Portugal. N. 1604. A. 1640. F. 1656.
JOÃO. V. 2. O Senhor D. João V, 24.º Rei de Portugal. N. 1689. A. 1706. F. 1750.
JOÃO. V. 25 e 48. O Senhor D. João VI, 27.º Rei de Portugal. N 1767. A. 1816. F. 1826.
JOÃO. III. 25. O Principe D. João, filho do Senhor Rei D. João III.
JONIO (MAR). V. 4. Porção do Mediterraneo entre a Italia e a Turquia da Europa.
JOSÉ. V. 7. O Senhor D. José I, 25.º Rei de Portugal. N. 1714. A. 1750. F. 1777.
JOSÉ. V. 25. O Principe D. José, filho da Senhora D. Maria I, e do Senhor D. Pedro III.
JOSUÉ. I. 45. Chefe dos Israelitas, que os introduziu na terra da promissão.
JUCUB. I. 35. Poderoso e esforçado Rei dos Mouros de Africa, cognominado o «*Victorioso*»
JUDEU. III. 23. V. Hebreu e Israel.
JULIÃO. I. 14. O Conde Julião, traidor, que fez vir os Mouros á Hespanha, no tempo do Rei Rodrigo.
JUNOT. V. 34. General Francez que invadiu Portugal em 1807.

L

Lacia (nação). I. 3. O mesmo que nação Romana.
Lacio. II. 25. Propriamente fallando, quarta região de Italia, situada entre a Etruria e a Campania: poeticamente significa muitas vezes o mesmo que Roma.
Lafões. V. 22. O Duque de Lafões, D. João de Bragança, que voltando a Portugal depois de longas viagens, fundou a Academia Real das Sciencias de Lisboa.
Latino. I. 5. O mesmo que Romano, fallando com menos propriedade.
Lebrun. V. 30. Poeta lyrico, cognominado o Pindaro Francez, que floreceo nos fins do seculo passado, e nos principios do actual.
Leiria. I. 30. Cidade de Portugal na Estremadura.
Lencastre. IV. 4. D. Maria de Lencastre, dama de animo varonil, que armou seus filhos para tomarem parte na gloriosa facção do 1.º de Dezembro de 1640.
Leonez. I. 38. Habitante de Leão, hum dos antigos reinos de Hespanha.
Leonor. VI. 15. D. Leonor Telles, esposa do Senhor Rei D. Fernando, tendo-o sido de João Lourenço da Cunha, a quem foi violentamente tirada por aquelle soberano.
Leonor. II. 17 e VI. 18. Dona Leonor, mulher do Senhor Rei D. Duarte.
Leonor. VI. 20. D. Leonor, esposa do Senhor Rei D. João II.
Leonor. VI. 24. D. Leonor, terceira mulher do Senhor Rei D. Manoel.
Leonor III. 21. D. Leonor de Sá. V. Sepulveda.
Libya. I. 14. O mesmo que Africa.
Limas. III. 18. Rio de Portugal na provincia do Minho.
Lima. III. 9. Aqui se allude a D. Manoel de Lima, cavalleiro de extremado valor, que se distinguiu por muitas façanhas, principalmente na praça de Dio.

Lino. V. 29. Famoso poeta dos tempos mythologicos.
Lippe. V. 11. O Conde reinante de Schaumburg Lippe, que foi Marechal General do exercito Portuguez, sendo primeiro Ministro d'Estado o Marquez de Pombal.
Lisboa. I. 21. Capital da monarquia portugueza.
Livio (o luso). III. 13. Assim se costuma appellidar o nosso historiador João de Barros, por allusão ao historiador latino Tito Livio.
Lobo. V. 47. D. Joaquim Lobo, hum dos tres Plenipotenciarios Portuguezes no Congresso de Vienna, e que depois foi creado Conde de Oriola, e falleceu na Prussia.
Lombardo. II. 50. Pedro Lombardo, appellidado Mestre das Sentenças, Bispo de Paris, que compoz hum celebre tractado por onde se ensinou por muito tempo a sagrada theologia.
Lucena. III. 48. O Padre João de Lucena, jesuita, puro e elegante auctor da vida de S. Francisco Xavier.
Luiz. III. 10. O Infante D. Luiz, filho do Senhor Rei D. Manoel, que esclareceu pelo seu valor e instrucção.
Luiz. V. 39. Luiz XVIII, Rei de França, cujo throno foi restaurado em 1814.
Luiza. IV. 3. e VI. 27. D. Luiza de Gusmão, esposa do Senhor Rei D. João IV.
Lusitania. I. 2. Antigo nome da nossa patria, como he sabido de todos.
Lusitano. I. 5. *et passim.*
Lusos. I. 5. *et passim.*
Luthero. III. 33. Martinho Luthero, heresiarcha do seculo xvi, chefe dos protestantes na Allemanha etc.
Lyceu. II. 8. Eschola de philosophia, fundada em Athenas por Aristoteles.
Lysia. I. *et passim.* O mesmo que Lusitania.

M

MACEDONIO. II. 41. Allude-se a Alexandre, Rei de Macedonia, que invejou a Achilles ter tido por pregoeiro do seu valor hum poeta tal como Homero.
MACHADO. V. 18. Joaquim Machado de Castro, insigne estatuario, auctor da estatua equestre do Senhor Rei D. José.
MADEIRA. II. 11. Ilha bem conhecida, situada no Oceano Atlantico.
MADUREY. IV. 31. Cidade e reino da India.
MAFALDA. I. 33. A Beata Mafalda, filha do Senhor Rei D. Sancho I.
MAFALDA. VI. 4. Esposa do Senhor Rei D. Affonso Henriques.
MAFAMEDE. I. 22. O mesmo que Mafoma.
MAFOMA. I. 36. Falso propheta, e legislador dos Arabes, auctor do Corão.
MAFRA. V. 3. Villa da Estremadura, distante sete legoas de Lisboa.
MAGALHÃES. II. 44. Fernam de Magalhães, que aggravado d'El-Rei D. Manoel, se passou a Castella, em cujo serviço descubriu o estreito que tem o seu nome.
MALABARES. III. 44. Habitadores da costa do Malabar na India.
MALAIA. II. 44. Lança malaia, a que matou Fernam de Magalhães na ilha de Zebu, huma das Filippinas.
MANOEL. II. 34. O Senhor D. Manoel, 14.º Rei de Portugal. N. 1469. A. 1495. F. 1521.
MARCELLO. IV. 18. Filho de Octavia, irmã de Octaviano Augusto, e filho adoptivo d'este Imperador; mancebo de grandes esperanças, que morreu na flor dos annos.
MARIA. II. 48. A Infanta D. Maria, filha do Senhor Rei D. Manoel.

Maria. V. 20. A Senhora D. Maria I, Rainha reinante de Portugal. N. 1734. A. 1777. F. 1816.
Maria. VI. 23. D. Maria, segunda esposa do Senhor Rei D. Manoel.
Marianna. VI. 31. D. Marianna de Austria, mulher do Senhor Rei D. João V.
Marianna victoria. VI. 33. Mulher do Senhor Rei D. José I.
Maro. III. 19. Publio Virgilio Maro ou Marão, Principe dos poetas latinos.
Martyres. III. 34. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, modelo de prelados; que assistiu ao Concilio de Trento.
Mascarenhas. III. 9. D. João de Mascarenhas, que se immortalisou no segundo cerco de Dio.
Massena. III. 3. V. Essling.
Mathilde. I. 48 e VI. 8. Condessa de Bolonha, primeira mulher do Senhor Rei D. Affonso III.
Mauricio. IV. 17. Principe Palatino do Rheno, que se refugiou no Tejo, fugindo á perseguição dos Parlamentarios Inglezes.
Mauritania. III. 29. Vasta região da Africa antiga, cujos limites variaram muito em differentes epochas.
Mauritano. II. 6. Toma-se como synonymo de Mouro.
Mauro. I. 19. Adjectivo gentilico, de Mouro.
Mecenas. III. 8. Cavalleiro Romano, valido de Augusto, e protector das lettras, e das artes bellas.
Media. II. 43. Região da Asia, contada por Virgilio entre as mais ferteis e deliciosas.
Mello. IV. 7. Jorge de Mello, Monteiro Mór, hum dos quarenta fidalgos acclamadores do Senhor D. João IV.
Mello. IV. 11. Martim Affonso de Mello, que commandou a entrepreza de Valverde. Os outros Mellos, a que a oitava se refere, são Pedro de Mello, Superintendente das armas de Miranda, e Francisco de Mello, General de cavallaria.
Menandro. III. 16. Famoso poeta comico Atheniense.

Mendonça. IV. 7. Pedro de Mendonça, hum dos quarenta fidalgos acclamadores.
Menezes. II. 13. D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna, Governador e defensor de Ceuta.
Menezes. II. 26. O Conde D. Duarte de Menezes, segundo Capitão de Ceuta, perto da qual praça morreu, tendo salvado a vida a El-Rei D. Affonso V.
Menezes. II. 31. D. Fernando e D. Antonio de Menezes, valerosos cavalleiros, que se distinguiram na Africa.
Menezes. III. 9. D. Henrique de Menezes, Governador da India.
Menezes. IV. 21. D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, vencedor dos Castelhanos, nas linhas de Elvas e em Montes Claros.
Meonio. II. 42. Chama-se a Homero vate *Meonio,* porque alguns pretendem que nascera na *Meonia,* nome poetico da Lydia, região da Asia Menor.
Minerva. III. 8. Deosa da sabedoria, segundo a fabula.
Minho. III. 34. Rio e provincia de Portugal.
Miranda. III. 17. Francisco de Sá de Miranda, poeta Portuguez muito conceituoso.
Moisés. I. 30. O celeberrimo e inspirado legislador dos Hebreus.
Moluco. III. 29. Muley Moluco, Principe marroquino, que desenthronisou seu sobrinho Hamet.
Mondego. I. 26. Rio de Portugal, que rega os campos de Coimbra.
Moniz. I. 27. Egas Moniz, aio do Senhor D. Affonso Henriques, a quem livrou de cahir em poder do Rei de Leão, quando este o cercava em Guimarães.
Moniz. I. 29. Martim Moniz, que se sacrificou pela fé e pela patria, na tomada do castello de Lisboa aos mouros.
Montes claros. IV. 22. Sitio no Alemtejo, em que o General Castelhano Marquez de Caracena foi desbaratado pelo Marquez de Marialva.
Montijo. IV. 12. Cidade da Estremadura Hespanhola, perto

da qual os Castelhanos foram vencidos pelos Portuguezes, no principio da guerra da acclamação.

Moscho. III. 18. Poeta Grego insigne no genero pastoril.

Mouro. I. 16. Povo mahometano, bem conhecido na nossa historia.

Musas. I. 1. Deosas que, segundo a fabula, presidiam ás lettras e ás sciencias, e particularmente á poesia.

N

Nassau. IV. 13. João Mauricio, Conde de Nassau, valente Capitão Hollandez.

Neri. IV. 33. S. Filippe Neri, fundador da Congregação do Oratorio.

Nestor. IV. 25. O mais idoso dos Capitães Gregos confederados contra Troia, e entre elles considerado como hum oraculo de sabedoria e discrição.

Neoburgense (ramo palatino). VI. 30. Familia soberana no antigo imperio de Allemanha.

Nilo. V. 15. Rio bem conhecido, que fertiliza o Egypto.

Nive. V. 37. Pequeno rio de França, nos Baixos Pyreneos.

Noronha. III. 28. D. Antão de Noronha, Governador da India.

Numa. I. 12. Segundo Rei de Roma, soberano pacifico e civilisador.

Nunes. III. 36. O Dr. Pedro Nunes, eximio mathematico, mestre do Infante D. Luiz, filho do Senhor Rei D. Manoel.

Nuno. II. 6. V. Pereira.

Nymphas. III. 11. Deosas de segunda ordem, na mythologia Grega e Romana.

O

Octaviano. I. 8. O Imperador Octaviano Augusto, que submetteu completamente os Lusitanos, e veio a ser o unico dominador de todo o imperio Romano.

Octavio. II. 24. V. *Octaviano.*

Ophir. II. 43. Paiz oriental, onde as frotas de Salomão iam buscar o ouro de tres em tres annos. Huns querem que seja Sofala, outros Sumatra, outros Java, etc.

Orão. IV. 29. Cidade maritima da Africa.

Orpheo. V. 29. Celebre poeta thracio, famigerado pela doçura de suas canções.

Orthez. V. 38. Cidade de França nos Baixos Pyreneos, junto da qual o exercito Portuguez e Inglez bateu os Francezes.

Osorio. III. 13. D. Jeronymo Osorio, Bispo de Sylves, elegante escriptor, que historiou as acções do Senhor Rei D. Manoel.

Ossuna. IV. 24. O Duque de Ossuna, General Castelhano, desbaratado por Pedro Jaques de Magalhães, junto de Castello Rodrigo.

Osymandias. II. 25. Rei do Egypto, que foi o primeiro a formar huma Bibliotheca.

Ourique. I. 21. Villa do Alemtejo, perto da qual o Senhor D. Affonso Henriques ganhou aos mouros a batalha deste nome.

Ovidio. V. 29. Engenhoso e suavissimo poeta latino do seculo de Augusto.

Pacheco. I. 44. Fernão Rodrigues Pacheco, Alcaide Mór de Celorico, famoso pela sua fidelidade ao Senhor Rei D. Sancho II.

PACHECO. II. 40. Duarte Pacheco Pereira, heroe na India, cognominado Achilles Lusitano.
PADUA. I. 42. Cidade de Italia no Reino Lombardo Veneziano, na qual estão os despojos mortaes de S. Antonio de Lisboa.
PAES. I. 64. Gil Paes, Alcaide Mór de Torres Novas, celebre pela sua lealdade e grandeza d'alma, no reinado do Senhor Rei D. Fernando.
PAIVA. III. 33. Diogo de Paiva de Andrade, famoso theologo, e notavel orador.
PALMELLA. I. 35. Villa na provincia da Estremadura.
PARMA. III. 39. Ducado de Italia, cujo Soberano, Rainucio Farnese, foi hum dos pertendentes á corôa de Portugal em tempo do Cardeal Real.
PEDRO HISPANO. I. 52. V. João XXI ou XXII
PEDRO. I. 58 e 60. O Senhor D. Pedro I, 8.º Rei de Portugal. N. 1320. A. 1357. F. 1367.
PEDRO. IV. 28. O Senhor D. Pedro II, 23.º Rei de Portugal. N. 1648. A. 1683. F. 1706.
PEDRO. V. 24. O Senhor D. Pedro III, esposo da Rainha a Senhora D. Maria I.
PEDRO. II. 17. O Infante D. Pedro, Governador do Reino na menoridade do Senhor D. Affonso V.
PELAIO. I. 15. Primeiro Rei Christão na Hespanha, depois da invasão dos Arabes.
PELIDE. I. 28. Achilles, filho de Peleo, e o mais valente dos Gregos que cercaram Troia.
PELLA. II. 50. Capital do antigo Reino da Macedonia, onde Aristoteles instruiu a Alexandre, filho de Filippe.
PELOPEIA (COSTA). V. 5. A costa da Morêa, antigamente Peloponeso.
PENO. I. 2. O mesmo que Carthaginez, antigo povo Africano.
PEREIRA. II. 4. D. Nuno Alvares Pereira, o Condestavel, hum dos maiores heroes memorados na historia Portugueza.
PERES. II. 26. Gonçalo Peres, que na batalha de Toro, se

lançou com outros no meio dos Castelhanos, e lhes arrancou o estandarte real Portuguez.
Perestrello. II. 11. Bartholomeu Perestrello, descubridor da Ilha de Porto Santo.
Peripato. IV. 8. V. Lyceu.
Phidias V. 18. Esculptor atheniense, o maior estatuario da antiguidade.
Phlegetonte. III. 49. Hum dos rios do inferno, segundo a mythologia.
Pina. II. 31. Ruy de Pina, Chronista do Reino.
Pindaro. V. 14. O principe dos poetas lyricos Gregos.
Pindo. I. 1. Monte da Grecia, no Epiro, antigamente consagrado a Apollo, e ás Musas.
Pinto. III. 37. Fernão Mendes Pinto, curioso narrador de suas proprias peregrinações.
Pires. III. 9. Lourenço Pires de Tavora, valente capitão, e habil diplomatico.
Platão. III. 17. Famoso philosopho Grego, fundador da primeira eschola academica.
Plauto. III. 16. Illustre poeta comico Latino.
Plaucio. I. 5. Pretor Romano, vencido por Viriato.
Pombal. V. 18. V. Carvalho=Sebastião José de=.
Pomona. I. 2. Deosa dos pomares e dos fructos.
Pompeu. I. 5. Pompeu Nepos, Consul Romano, que tentou em vão submetter os Lusitanos.
Ponte-Vedra. I. 35. Cidade de Galliza, não longe do mar.
Portugal. I. 2.
Praga. VI. 32. Capital da Bohemia. Por heroe de Praga entende-se aqui S. João Nepomuceno, martyr do sigillo sacramental.
Ptolemeu. II. 11. Celebre astronomo Grego, que floreceu no segundo seculo da era Christã.
Pyrene. I. 11. Donzella a qual, segundo a fabula, deu o seu nome aos montes que separam a Hespanha da França.
Pyreneos. V. 21. Montes entre França e Hespanha.

Quental. IV. 33. O veneravel P.e Bartholomeu do Quental, que introduziu em Portugal a Congregação do Oratorio.

Quirino. I. 12. O mesmo que Romulo, fundador e primeiro rei de Roma.

Restello. II. 47. Sitio a huma legoa de Lisboa, ao poente, onde embarcaram os Portuguezes que foram ao descubrimento da India, e onde hoje está a Igreja consagrada a Nossa Senhora de Belem.

Rezende. II. 31. Garcia de Rezende, chronista, e poeta conceituoso.

Ribeiro. IV. 8. João Pinto Ribeiro, Jurisconsulto, que muito contribuiu para á acclamação do Senhor D. João IV, cujo secretario era.

Roberto. IV. 17. Principe Palatino. V. Mauricio.

Rodrigo. I. 14. O ultimo dos Reis Wisigodos em Hespanha.

Rodrigues. II. 5. Mem Rodrigues de Vasconcellos, esforçado capitão, que muito se distinguiu na batalha de Aljubarrota.

Rolim. III. 9. Allude-se neste lugar a Pedro Barreto Rolim, que se abalisou pelas suas proezas na India.

Roma. I. 3. Capital do maior imperio do mundo na antiguidade, e hoje metropole do mundo Christão.

Roupinho. I. 28. D. Fuas Roupinho, esforçado capitão por mar e por terra, de quem contam grandes façanhas as antigas chronicas.

Ruy de Pina. II. 31. Chronista Mór do Reino, e Guarda Mór do Archivo da Torre do Tombo.

10

S

Sabauda. VI. 4. Natural de Saboya.
Saboya. III. 39. Nobilissimo Ducado, cujo Soberano, Manoel Felisberto, foi hum dos pertendentes á successão do throno de Portugal, em tempos do Cardeal Rei.
Sagres. II. 8. Villa do Algarve, junto do Cabo de S. Vicente.
Salado. I. 56. Pequeno rio, perto dos campos de Tarifa, na Andaluzia.
Saldanha. III. 9. Dos muitos heroes desta illustre familia, aquelle a que se allude aqui he Antonio de Saldanha, valente capitão na Asia, e na jornada de Tunis.
Saldanha. V. 47. Antonio de Saldanha. Conde de Porto Santo, hum dos tres Plenipotenciarios Portuguezes no Congresso de Vienna
Salvador Corrêa. IV. 16. V. Corrêa.
Samorim. II. 40. Titulo do Soberano de Calecut.
Samos. V. 28. Ilha do mar Egeo, patria de Pythagoras, fundador da Eschola Italica, grande philosopho, e insigne mathematico.
Sampaio. I. 35. Villa de Galliza.
Sancha. I. 33. A Beata Sancha, filha do Senhor Rei D. Sancho I.
Sancho. I. 32. O Senhor D. Sancho I, 2.º Rei de Portugal. N. 1154. A. 1185. F. 1211.
Sancho. I. 43. O Senhor D. Sancho II, 4.º Rei de Portugal. N. 1209 ou 1210. A. 1223. F. 1248.
Sancho. IV. 21. D. Sancho Manoel, Conde de Villa Flor, hum dos maiores heroes da guerra da acclamação, e vencedor de D. João de Austria, na batalha do Ameixial.
Sancta Cruz (Terra da). II. 42. O Brazil.
Santarem. I. 25. Villa nobilissima da Provincia da Estremadura.

Sarraceno. I. 17. Nome que na idade media se deu vulgarmente aos Arabes, Mouros, etc.
Sebastião. III. 26. O Senhor D. Sebastião. 16.º Rei de Portugal. N. 1554. A. 1557. F. 1578.
Sena. II. 50, Rio de França, que corre junto de Paris.
Sepulveda. III. 21. Manoel de Sousa Sepulveda, esforçado cavalleiro, cujo naufragio, peregrinação e morte com sua mulher e filhos na Cafraria, foram celebrados por Jeronymo Côrte Real.
Sequeira. II. 39. Diogo Lopes de Sequeira, illustre Governador da India.
Sertorio. I. 7. Valoroso General Romano, que veio capitanear os Lusitanos na lucta por elles sustentada pela sua independencia.
Sigêas (as Irmans). II. 49. Luiza e Angela, filhas de Diogo Sigé, francez, que com ellas veio de Toledo a Portugal. Foram muito famigerados pela sua grande instrucção.
Sigismundo. IV. 13. Sigismundo Van Schopp, General Hollandez, vencido pelos Portuguezes no Brazil.
Siloé. III. 11. Fonte em Jerusalem, muito famigerada entre os antigos Judeos, e junto da qual estava a milagrosa piscina de que falla o Evangelho.
Silveiras. III. 9. Hum he Heitor da Silveira, expugnador de Baçaim; outro Antonio da Silveira, defensor de Dio.
Silves. I. 32. Cidade do Algarve.
Soeiro. I. 37. D. Soeiro Viegas, Bispo de Lisboa.
Sophia. V. 16. Personificação poetica da sabedoria.
Sophia. VI. 30. D. Sophia, segunda esposa do Senhor Rei D. Pedro II.
Soult. V. 34. Marechal de França, hum dos melhores Generaes de Napoleão I.
Sousa. III. 47. Fr. Luiz de Sousa, historiador, e hum dos mais puros e elegantes escriptores da nossa lingua.
Sousa. V. 31. D. Rodrigo de Sousa, Conde de Linhares, illustrado estadista, Ministro do Principe Regente D. João.

Sousa. V. 47. D. Pedro de Sousa e Holstein, Conde, Marquez, e Duque de Palmella, hum dos Plenipotenciarios de Portugal no Congresso de Vienna. Nascera em Turim.

Sousas. III. 9. Entre os heroes desta esclarecida familia, faz-se nesta estancia menção especial de Martim Affonso de Sousa, heroe famoso no Brazil e na India.

Stoa. II. 8. Quer dizer *portico*, e toma-se pela eschola philosophica de Zeno.

Strabão. II. 11. Famoso geographo Grego, que se immortalisou pelos seus escriptos, sob o imperio de Augusto e de Tiberio.

Suevos. I. 10. Povos germanicos, invasores do imperio Romano.

T

Tanger. II. 14. Cidade d'Africa no imperio de Marrocos.

Tareja. I. 18 e VI. 2. D. Thereza, filha do Imperador D. Affonso VI, e mulher do Conde D. Henrique.

Targa. II. 30. Cidade de Africa, no reino de Fez.

Tasso. IV. 25. Torquato Tasso, principe dos epicos Italianos. O heroe da sua epopea he Godfredo de Bulhão.

Tavora. II. 31. D. Martinho de Tavora, que se abalisou nas guerras de Africa.

Teixeira. II. 11. Tristão Vaz Teixeira, hum dos descubridores da Ilha da Madeira.

Tejo. I. 21. Rio de Hespanha e de Portugal, bem conhecido.

Tempe. II. 43. Campos da Thessalia, muito celebrados pela sua amenidade.

Templo (Milicia do). I. 54. Ordem militar, extincta reinando em Portugal o Senhor D. Diniz.

Testi. V. 30. O Conde D. Fulvio Testi, poeta lyrico Italiano, do xvii seculo.

Teutonica. VI. 32. Familia Teutonica, o mesmo que Germanica ou Allemã. Aqui significa huma Communidade Carmelita, vinda de Allemanha.
Theodosio. IV. 18. O Principe D. Theodosio, filho do Senhor Rei D. João IV: falleceu tendo pouco mais de 19 annos de idade.
Theotonio. I. 30. S. Theotonio, 1.º Prior de S. Cruz de Coimbra, a quem tradições antigas (mas sem fundamento grave) attribuem grandes proezas militares.
Thereza. VI. 2. V. Tareja.
Thereza. I. 33. S. Thereza, Rainha de Leão, filha do Senhor Rei D. Sancho I.
Thessalia. I. 9. Hum dos 7 paizes da Peninsula Hellenica, e de que Jasão foi Rei.
Thomar. I. 34. Cidade de Portugal na Provincia da Estremadura.
Thomyris. IV. 4. Rainha dos Massagetas: combateu, venceu e matou o grande Cyro, que á frente de hum poderoso exercito invadira os seus estados.
Tibre. V. 14. Rio que rega a cidade de Roma.
Tigre. V. 15. Grande rio da Asia.
Tite. II. 45. Pequena cidade de Africa, no imperio de Marrocos.
Tito. V. 48. Imperador de Roma, famigerado pela sua clemencia, e pela brandura do seu caracter.
Tolosa. V. 39. Cidade de França, cabeça do departamento do Alto Garonna.
Tormentorio. II. 27. Cabo das Tormentas, chamado depois Cabo *da Boa Esperança*, nome este que lhe foi posto pelo Senhor Rei D. João II.
Toro. II. 21. Cidade de Hespanha, no reino de Leão, junto da qual o Senhor D. Affonso V foi desbaratado pelos Hespanhoes do partido de D. Fernando de Aragão.
Torres Novas. I. 34. Villa de Portugal na Estremadura.
Transtagano (terreno). I. 22. A Provincia do Alemtejo.

TRENTO. III. 32. Cidade do Tyrol, onde se celebrou o ultimo Concilio geral da Igreja.
TRISTÃO. II. 47. Tristão da Cunha, fidalgo muito valeroso, e embaixador do Senhor D. Manoel a Roma.
TROIA. VI. 15. Antiga capital da Troade, na Asia Menor, celebre pelos poemas de Homero.
TULLIO. III. 14. Marco Tullio Cicero, principe dos oradores Latinos, e celebre philosopho, e estadista.
TUNIS. III. 10. Cidade de Africa na Barbaria, ás margens do Mediterraneo.
TURCOS. III. 44. Grande familia da raça Indo-Germanica, sequazes da religião mahometana.
TUY. I. 35. Cidade de Galliza, junto do rio Minho.

U

ULYSSÊA. 38. II. O mesmo que Lisboa.
UNIMANO. I. 5. Capitão Romano, vencido por Viriato.
URANIA. III. 11. Musa que se dizia presidir á astronomia.
URRACA. VI. 7. D. Urraca, esposa do Senhor D. Affonso II.

V

VALVERDE. IV. 11. Villa da Estremadura Hespanhola, perto de Badajoz.
VANDALIA (TERRA). I. 47. O mesmo que Andaluzia.
VANDALOS. I. 16. Povos de origem Slava, que invadiram Hespanha, Africa, etc.
VASCONCELLOS. IV. 21. Joanne Mendes de Vasconcellos, valente general na Bahia, e no Alemtejo, durante a guerra da acclamação.

VATICANO. III. 39. Huma das sette collinas de Roma. Toma-se ás vezes como synonymo da cidade eterna, do Pontifice que tem n'ella a sua séde, etc.
VAZ. III. 36. Pedro Vaz Castello, medico, lente da Universidade de Tolosa.
VENUSA. VI. 35. Cidade de Italia na Apulia, patria de Horacio.
VICENTE. III. 16. Gil Vicente, famoso poeta comico Portuguez.
VIDAL. IV. 15. André Vidal de Negreiros, valente cabo de guerra na lucta contra os Hollandezes no Brazil.
VIEIRA. IV. 9. O P.e Antonio Vieira, Jesuita, grande orador, e hum dos nossos mais distinctos escriptores classicos.
VIEIRA. IV. 15. João Fernandes Vieira, illustre capitão, restaurador de Pernambuco.
VILHENA. IV. 3. D. Filippa de Vilhena, dama que se immortalisou na manhã do fausto dia 1.º de Dezembro de 1640.
VIRIATO. I. IV. Capitão lusitano esforçadissimo, que sustentou por muitos annos a independencia patria contra os Romanos.
VITORIA. V. 37. Cidade do norte de Hespanha, celebre pela total derrota que, perto della, experimentou o exercito Francez defensor da causa do intruso Rei José.
VIZEU. II. 19. O Duque de Vizeu D. Jayme, apunhalado em Setubal, pelo proprio Rei o Senhor D. João II, contra o qual conspirava.
VOLGA. V. 44. O maior rio da Russia Europêa, e de toda a Europa.

WELLINGTON. V. 43. O Duque de Wellington, famigerado heroe, vencedor dos exercitos Francezes na peninsula, e do proprio Napoleão em Waterloo.

X

XAVIER. III. 24. S. Francisco Xavier, glorioso apostolo do Oriente.

Z

ZARCO. II. 11. João Gonçalves Zarco, hum dos descubridores da Ilha da Madeira.

ZENOBIA. IV. 4. Rainha de Palmyra, viuva de Odenato: pelejou valorosamente contra os romanos, e só depois de huma longa lucta foi vencida pelo imperador Aureliano.

ERRATA

Canto I	Est. 10.	Godos, Suevos, Vandalos, Alanos — leia-se: Godos e Suevos, Vandalos e Alanos.
» II	» 22.	.... tal mudança — leia-se: fatal mudança,
» »	» 49.	As Sigeias rimans — leia-se: Às Sigeias irmans,
» IV	» 2.	Provocando heroes — leia-se: Provocando os heroes
» »	» 20.	Pinto — leia-se: Pindo
» V	» 27.	Subida aggressão — leia-se: subita aggressão
» »	» 37.	.... tropas das nações unidas — leia-se: forças das nações unidas:
» »	» 41.	.... os feitos — leia-se: aos feitos

No Indice a pag. 126, em lugar de D. Maria de Lencastre — leia-se: D. Marianna de Lencastre,